

# INTRODUÇÃO

No âmbito do Mestrado em Arquitetura Paisagista da Universidade de Évora, optou-se pela realização de um estágio curricular, por se considerar um elemento fundamental no culminar da formação e, consequentemente, para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista. O estágio tem como fim a integração do aluno num contexto profissional, de forma a adquirir conhecimentos que completem a formação académica nas diversas vertentes da atividade do Arquiteto Paisagista, permitindo assim entender o sentido dos temas abordados nas várias unidades curriculares e a sua aplicabilidade prática na atividade profissional futura.

Ante a opção de realização de um estágio em entidades públicas ou privadas que desenvolvam atividades no âmbito da Arquitetura Paisagista, surgiu a possibilidade de ingressar, como colaboradora, no *Atelier Jardins do Sul* - entidade de natureza privada na prática da Arquitetura Paisagista, nomeadamente no que diz respeito a jardins privados.

É de realçar que pela natureza das disciplinas lecionadas na Universidade, existem fases do projeto que nunca são alcançadas, tal como a execução da obra ou fases intermédias de revisão. Entrando, a tempo inteiro, neste *Atelier* foi dada a oportunidade de participar em todas as fases do processo projetual e de acompanhar *in loco* a sua organização. Este facto ganha especial relevância num contexto de mercado em que a experiência adquirida constitui um dos pontos fulcrais na seleção da mão-de-obra.

Tendo como objetivo uma reflexão pessoal acerca da experiência adquirida ao longo das atividades desenvolvidas durante o período de estágio, tanto ao nível teórico, como ao nível prático, o presente relatório resume as atividades desenvolvidas e a experiência adquirida em alguns jardins privados localizados no distrito de Évora, nomeadamente na Freguesia do Bacelo, na Vila de Santiago do Escoural e na Vila de Arraiolos.

Após uma breve apresentação da localização e funcionamento do *Atelier*, segue-se a descrição do trabalho desenvolvido, do qual foram selecionados três projetos realizados. Cada projeto é aqui apresentado em três fases: análise, proposta e reflexão. Para além destes projetos, também são referidas outras atividades realizadas, que procuraram complementar o estágio, como foi o caso da preparação de um desenho gráfico publicitário, entre outras. Por fim, a conclusão procura sintetizar as reflexões pessoais bem como a sua importância no respetivo estágio curricular.





Fig. 0 – Porta do Atelier Jardins do Sul



## O ATELIER

*“Os nossos projetos são guiados por um profundo respeito pelo ecossistema e pela biodiversidade: trabalhamos com, e não contra, a Natureza. As soluções que propomos e os materiais que empregamos resultam de uma preocupação permanente em contribuir para a proteção da Vida.*

*Não encerramos a nossa sensibilidade nem a nossa criatividade no interior de apertadas fronteiras estéticas ou de modas passageiras. Servimo-nos das estéticas e estilos existentes apenas como inspiração para a criação de novos jardins que possam tanto captar as diferentes atmosferas do nosso tempo, como responder aos desafios imprevisíveis do futuro.*

*Comandam os nossos projetos as particularidades históricas, culturais e biofísicas de cada lugar. Pensamos sempre a partir de um topos que já existe, mesmo que seja para transformá-lo substancialmente.*

*De acordo com esta nossa filosofia, garantimos que em cada projeto: criamos um jardim exclusivo e individual que permanece uma obra única e irrepetível; otimizamos a funcionalidade e os usos das áreas disponíveis no quadro das condições biofísicas oferecidas por cada terreno; potenciamos uma gestão inteligente da água, pela escolha de plantas ajustadas ao clima e aos recursos hídricos de cada terreno; consideramos a natureza e a cultura do lugar, pelo respeito de pré-existências de ordem paisagística, botânica, geológica, arquitetónica ou arqueológica; contribuimos para reforçar os equilíbrios do meio ambiente.”*

**Filosofia do Atelier Jardins do Sul  
in [www.jardinsdosul.com](http://www.jardinsdosul.com)**

O *Atelier Jardins do Sul* localiza-se no extremo Oeste do concelho de Évora, em Nossa Senhora da Boa Fé, mais concretamente no local toponimicamente referenciado como Furinho (IGEOE, 2007), contíguo a uma das escarpas orientais da Serra de Monfurado (Fig.2).

Sedeado num pequeno aglomerado composto por cinco habitações de carácter tradicional (Fig.1), o *Atelier* deu início à sua atividade em 2010 e caracteriza-se como uma microempresa composta e fundada por:

#### **Andrea Morgenstern**

Licenciada em Arquitetura Paisagista pela Universidade Técnica de Berlim em 2005, colaborou até 2010 como *freelancer* em Projetos e Coordenação de obras, Projetos de requalificação, Projetos e Concursos Públicos. Como Diretora geral do *Atelier Jardins do Sul*, desde 2010, é a responsável pela coordenação das equipas colaboradoras.

#### **Pedro Duarte**

Licenciado em Arqueologia em 2002 pela Universidade de Lisboa, é doutorando em Antropologia desde 2009 na Universidade de Coimbra, num projeto de investigação sobre uma paisagem eborense numa perspetiva da antropologia e da arqueologia. É responsável pelos contactos com os clientes e fornecedores, colaborando também na coordenação de obras.



Fig. 1 – Vista 1 sobre o *Atelier*



Fig. 2 – Vista aérea do *Atelier Jardins do Sul*

Para além dos fundadores, a estrutura de trabalho do *Atelier* é composta em função das necessidades de cada projeto, face à impossibilidade de sustentar no seu quadro profissional a diversidade de profissionais necessários. Neste sentido, são colaboradores da empresa profissionais que vão desde Arquitetos Paisagistas a Arquitetos, Engenheiros Biofísicos, Engenheiros Agrónomos, Jardineiros, Carpinteiros, Calceteiros, etc. É dada preferência a colaboradores e materiais da região de modo a promover a economia local e a evitar gastos de energia desnecessários.

O *Atelier Jardins do Sul* atua no ramo de Arquitetura Paisagista, maioritariamente no setor privado e contém obra produzida e *Know-how* nas áreas de:

- . Projeto;
- . Manutenção das próprias obras/projetos;
- . Coordenação e Fiscalização;
- . Planeamento e execução de serviços na área de Engenharia Biofísica e Agronómica.

## METODOLOGIA DE PROJETO

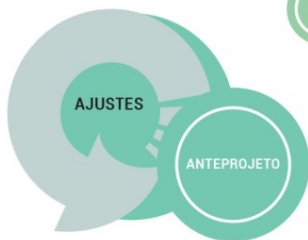
Através da experiência apreendida durante o estágio e tendo por base o fluxograma nº3, a metodologia de trabalho apresentada resulta não apenas da análise estruturada durante o trabalho, como também do diálogo com os coordenadores sobre o tema. Esta metodologia não é definitiva e é, portanto, adaptável consoante a evolução do trabalho e tipo de projetos desenvolvidos pela própria empresa.

Assim, de uma forma sintetizada, pode-se apresentar o método de trabalho do *Atelier Jardins Do Sul* em seis fases, salientado que este se centra no relacionamento de proximidade com o cliente, sendo adaptado de forma a interpretar melhor as suas necessidades e atingir os seus objetivos conjuntamente com o carácter do lugar, de modo a que o resultado final corresponda às suas necessidades e expectativas.

Por norma, o início de atividade do *Atelier* surge com o contacto do cliente, onde este apresenta sucintamente o programa, ou seja, uma breve descrição do espaço em questão e do pretendido, nomeadamente no que diz respeito aos objetivos, restrições e ideias. É nesta fase preliminar que é perceptível o verdadeiro interesse do cliente, face às premissas da Arquitetura Paisagista, e se é mesmo uma consultoria especializada que procura, por oposição aos serviços estereotipados e prestados por *Garden-Centers*.

Numa segunda fase, uma visita ao local é essencial para que se possa proceder a uma análise do lugar apoiada na recolha de dados *in situ* e para que, através do





registro fotográfico bem como de uma avaliação sensorial, física e cultural, se possa iniciar o *estudo prévio*. Esta recolha tem como principal objetivo uma melhor perceção do local assim como uma correta interpretação, tendo em conta a sua envolvência, contexto em que se insere e objetivos do cliente de forma a concretizar um esboço que resultará numa primeira proposta a apresentar ao mesmo.

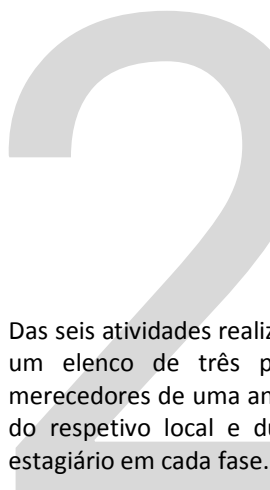
Já em fase de *estudo prévio*, procede-se ao desenvolvimento dessa primeira proposta, onde toda a informação recolhida *in situ* dá origem a várias interpretações gráficas dos objetivos, ou seja, às diferentes fases de desenvolvimento do projeto, que são desenvolvidas (em discussão com os colaboradores) e colocadas numa plataforma *online* gerida pela empresa, para que o próprio cliente as possa consultar.

Num prazo de meses ou semanas, que depende da disponibilidade do *Atelier*, em reunião com o cliente, a proposta é apresentada com base em maquetes, visualizações 3D (*SketchUp*), perspetivas, cortes e uma memória descritiva acompanhada pela respetiva estimativa orçamental, tendo por base o contacto prévio com as entidades colaboradoras necessárias.

Por fim, se necessário, no *anteprojeto* procedem-se a alguns ajustes e à desejada adjudicação da proposta, para que se possa passar à fase de *projeto de execução* e *acompanhamento de obra*.

Uma vez que o Arquiteto Paisagista trabalha com material vegetal que requer tempo para que possa atingir a maturidade idealizada, o *Atelier* garante a manutenção da obra, num período que pode variar entre 3 a 6 meses, com o

objetivo de controle da adaptação das plantas ao novo local, o funcionamento correto do sistema de rega, garantindo que o investimento feito pelo cliente é salvaguardado. Contudo, se o cliente assim desejar, pode prestar ainda serviços de manutenção a longo prazo. Caso contrário, dispõe as principais diretrizes para a correta manutenção inerente ao espaço que projetou, não só para defender o seu trabalho, mas também para sensibilizar o cliente ou as entidades a quem compete a manutenção destes espaços.



## DESCRIÇÃO DO TRABALHO DESENVOLVIDO

Das seis atividades realizadas no *Atelier*, como ilustra a Fig.4, foi apenas selecionado um elenco de três projetos que, pela duração e contributo prestado são merecedores de uma análise mais profunda. Para além do nome de cada atividade, do respetivo local e duração, apenas é demonstrada a colaboração efetiva do estagiário em cada fase.





REQUALIFICAÇÃO DA ZONA CENTRAL DA QUINTA DA SOBREIRA  
PROJETO DE ARQ. PAISAGISTA - 2ª FASE PARA A QUINTA DA FAMÍLIA LAVADO  
PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EXTERIORES DA CASA CUNHA RIVARA

DESIGNAÇÃO DURAÇÃO

PUBLICIDADE

PÁTIO PROALEN

MONTE PRATES

# ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

## ATELIER JARDINS DO SUL

FASES . COLABORAÇÃO

### LAYOUT

#### ESTUDO PRÉVIO

FOTOMONTAGENS (PHOTOSHOP)  
ESBOÇOS  
PORMENORES DE CONSTRUÇÃO  
REUNIÕES COM ESPECIALIDADES  
CONTATOS COM EMPRESAS

#### ESTUDO PRÉVIO PROJECTO DE EXECUÇÃO FASE DE OBRA

REGISTOS FOTOGRÁFICOS  
FOTOMONTAGENS (PHOTOSHOP)  
ESBOÇOS E PERSPETIVAS  
MAQUETE DE ESTUDO  
VISUALIZAÇÕES EM AMBIENTE 3D  
CORTES ILUSTRATIVOS  
LEVANTAMENTO TOPOGRÁFICO  
(MANGUEIRA DE NÍVEL)

PLANO DE MODELAÇÃO DO TERRENO  
( PLANTA DE NIVELAMENTO, PERFIS,  
CÁLCULO DE VOLUME DE TERRAS)  
PLANO DE IMPLANTAÇÃO  
(PLANTA ALTIMÉTRICA E PLANIMÉTRICA)  
PORMENORES DE CONSTRUÇÃO  
ACOMPANHAMENTO DE OBRA  
MANUTENÇÃO

#### ESTUDO PRÉVIO

PESQUISA E ENQUADRAMENTO  
HISTÓRICO  
REGISTO FOTOGRÁFICO  
FOTMONTAGENS (PHOTOSHOP)  
ESBOÇOS E PERSPETIVAS  
VISUALIZAÇÕES EM AMBIENTE  
3D (SKETCHUP)

#### ACOMPANHAMENTO DO ESTUDO PRÉVIO

#### VISITA PÓS OBRA

MANUTENÇÃO  
REGISTO FOTOGRÁFICO  
DEFINIÇÃO, MARCAÇÃO E  
OBSERVAÇÃO DE PLANTAS

# 2.1

## REQUALIFICAÇÃO DA ZONA CENTRAL DA QUINTA DA SOBREIRA

Equipa de Projeto | *Atelier Jardins do Sul*

Tipologia de Projeto | Requalificação Jardim privado

Localização | Senhor dos Aflitos - Évora

Área | Aproximadamente 500 m<sup>2</sup>

Fase do projeto | *Estudo prévio*

Ano | 2012



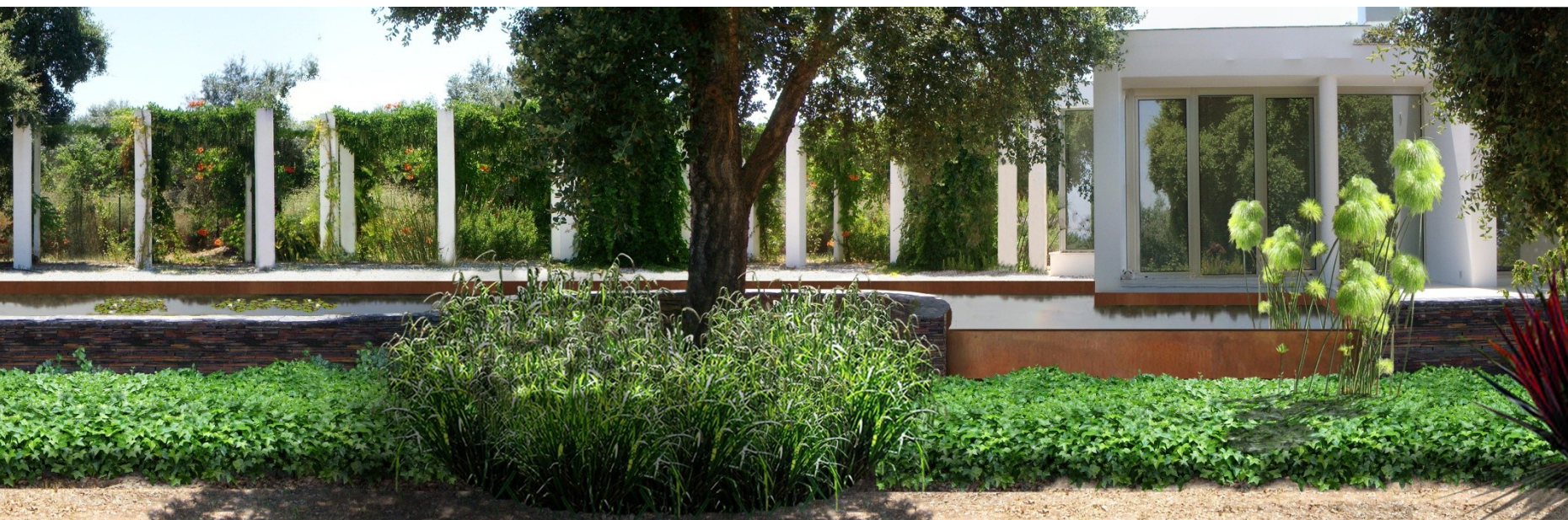


Fig. 5 – Perspetiva representativa da proposta para a zona central da Quinta da Sobreira



## Análise e Programa

A Quinta da Sobreira localiza-se no sector Norte da cidade de Évora, na freguesia do Babelo, próximo do núcleo urbano Senhor dos Aflitos, entre a estrada nacional n.º114-4 (Évora-Arraiolos) e a estrada municipal n.º527 (Évora-Igrejinha), mais precisamente a Oeste da confluência entre os caminhos municipais 1081 e 1081-1 (Fig.6). Inserida numa extensão de montado de sobre e azinho, conjuntamente com olivais e campos agrícolas, a sua envolvente está definida por outras quintas do mesmo género.

É uma quinta com uma área de 1,2 ha, de limite retangular, que se caracteriza por áreas distintas, nomeadamente por um conjunto de edifícios centrais de carácter habitacional e de arquitetura contemporânea, por uma área de pomar que acompanha o acesso em terra batida (para veículos e peões) até à entrada do edifício principal a Sul, e a Norte uma área expectante compreendida por alguma vegetação arbórea, um tanque e um poço. Compreende, ainda, elementos arbóreos de diferentes formas, texturas e dimensões, dispostos de forma linear, principalmente árvores de pomar, oliveiras, azinheiras e sobreiros, marcando a entrada como eixo centralizador do espaço (Fig.7).

O espaço de estudo incide sobre uma área previamente seleccionada pelo cliente, com cerca de 500m<sup>2</sup>, localizada na zona central da quinta, sendo a “ponte” entre os dois edifícios e a entrada da propriedade. Esta área é atualmente composta por 70m<sup>2</sup> de pavimento em gravilha de mármore branco e uma estrutura de ensombramento que interliga o acesso entre ambos, nomeadamente através de um

Fig. 6 – Localização geográfica da Quinta da Sobreira





25 m

Fig. 7 – Fotografia aérea da Quinta da Sobreira



pavimento em calçada de granito (Fig.8-F). Conta ainda com um muro de xisto Mourão (Fig.8-B) (contrariando a tipologia litológica dominante de rochas graníticas), que funciona como contenção para o desnível existente, tendo sido construído recentemente e, em simultâneo, com a arquitetura. Este é acompanhado por vegetação diversificada, onde se destaca um sobreiro de grande porte como marco central do espaço (Fig.8-E) e um elemento de água com forma retangular, sendo recortada a Este por um semicírculo adjacente ao edifício principal (Fig.8-G), revestido apenas por uma tela impermeabilizante mal aplicada (Fig.8-C), que atualmente ressuma numa cascata em pedra de mármore branco (Fig.8-A e D), ao nível do muro de xisto que acompanha o lado Este. Assim, este elemento carece de uma solução eficaz e esteticamente apelativa, nomeadamente para a função pretendida pelo cliente: a sua visualização direta e contemplação através da sala de estar.

Neste sentido, através da análise do espaço de estudo, conjuntamente com os requisitos do cliente, surge o programa que deverá assentar nas seguintes premissas:

- . Requalificação do elemento de água como um espelho, para sua contemplação através da sala de estar, com recurso a materiais alternativos que não envolvam o uso de materiais betuminosos na sua impermeabilização, suportando vegetação aquática e pontos de atração para aves;
- . Recuperação das áreas de plantação envolventes;
- . Integração do elemento de água e dos elementos que o compõem no contexto envolvente, criando um espaço coerente.

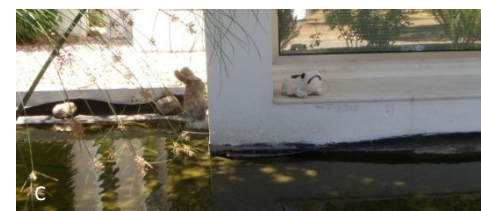
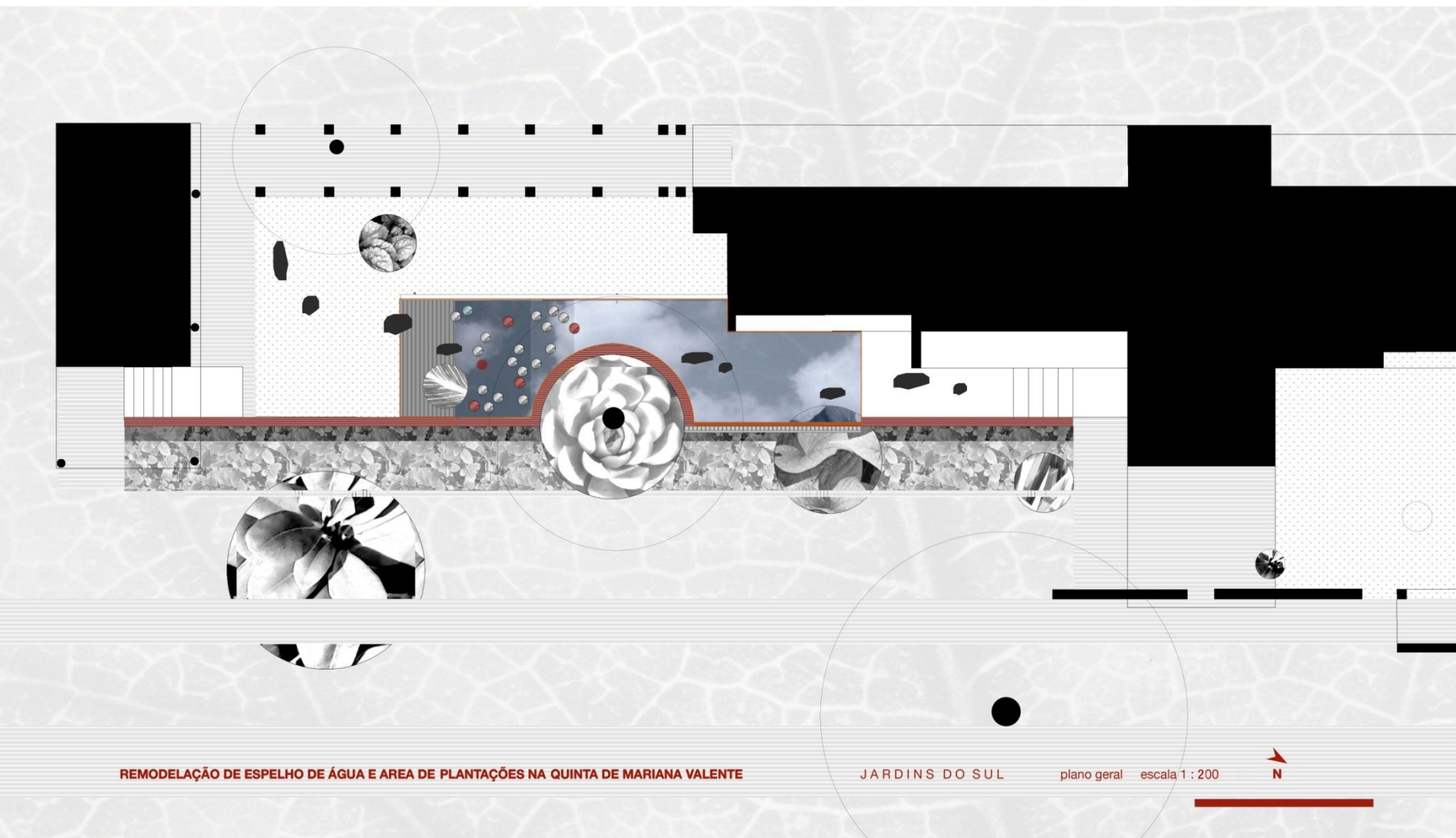
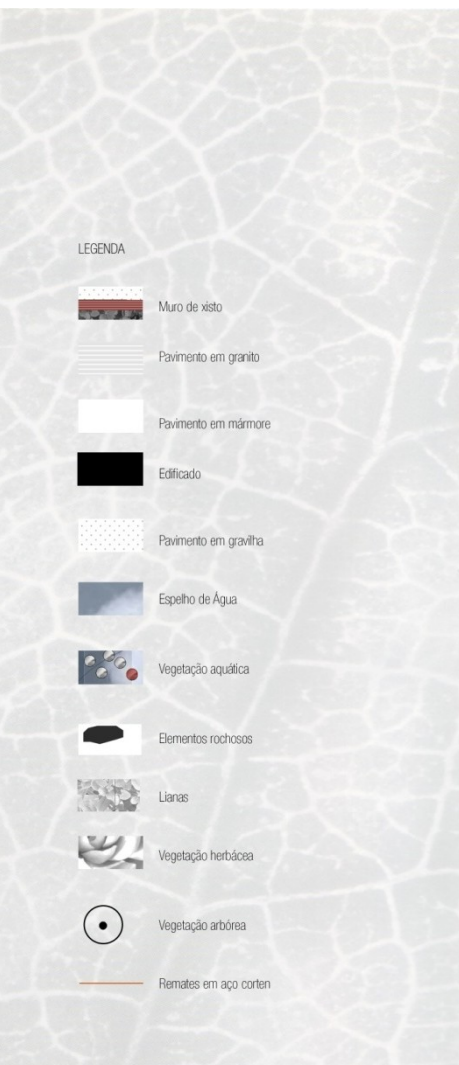




Fig. 8 – Fotografia A: Pormenor atual da cascata em mármore branco; B: Pormenor atual do muro de xisto Mourão; C: Pormenor atual do remate da tela impermeabilizante; D: Vista NO do espelho de água que ressuma para o canteiro; E: Semicírculo do muro de xisto, acompanhado por vegetação arbustiva; F: Vista Sul da área envolvente ao elemento de água; G: Situação atual do elemento de água.







## Proposta

No seguimento de uma primeira proposta de intervenção, realizada por Lamberti e Morgenstern, mas invalidada pelo cliente ao nível do *estudo prévio* devido a questões ecológicas, apresentou-se depois uma segunda proposta para a zona central da Quinta da Sobreira, mantendo o conceito de *repetição* já adotado. Este conceito surgiu de uma reflexão entre os materiais e arquitetura e o seu contraste intrínseco na paisagem em que se inserem. Assim, as formas retilíneas dadas pela arquitetura contemporânea, bem como o muro de xisto retilíneo interrompido por um semicírculo, contrastam com a paisagem dominante do montado com relevo suavemente ondulado de granito. Como forma de sublinhar o potencial das estruturas existentes e do seu diálogo com a paisagem em que se insere, optou-se por uma linguagem minimalista e clara das formas geométricas preexistentes (Lamberti, 2012), através da qual se materializou o conceito de *repetição* aceite pelo cliente.

Nesse sentido, tendo em conta os pressupostos pedidos e o carácter do lugar, propôs-se seguidamente a requalificação do elemento de água, através da substituição da tela existente por outra de maior qualidade, nomeadamente por uma tela de revestimento do tipo SIRO EPDM *Firestone PondGard*, descurando assim uma estrutura em betão armado, com custos mais elevados e menos ecológica.

Desta forma, foi proposto um espelho de água de 45m<sup>2</sup>, com uma profundidade que varia entre os 20cm e 70cm (Fig.10), no sentido de manter a experiência

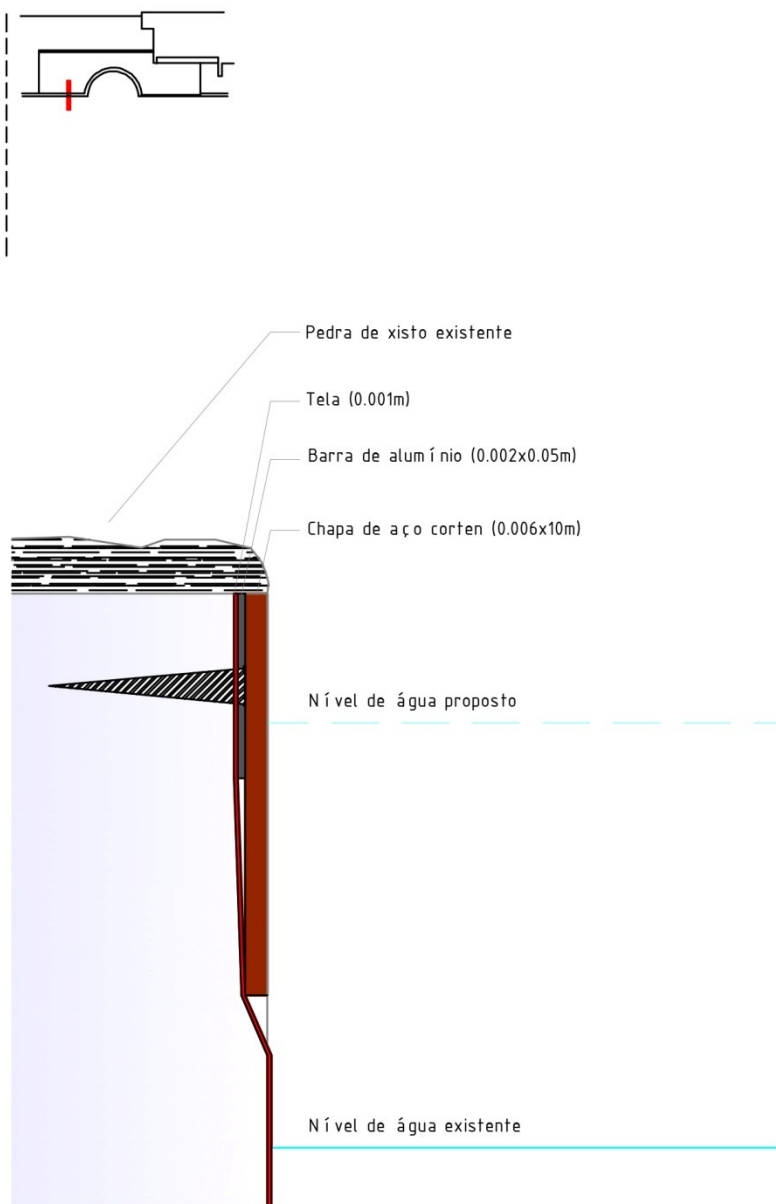


sensorial da proximidade à água já existente, designadamente a sonoridade, o movimento, as sensações de frescura e bem-estar associadas ao toque, e as sensações de calma e relaxamento dadas pela horizontalidade e reflexo promovido pelo espelho de água, que promove ainda uma excelente climatização do local.

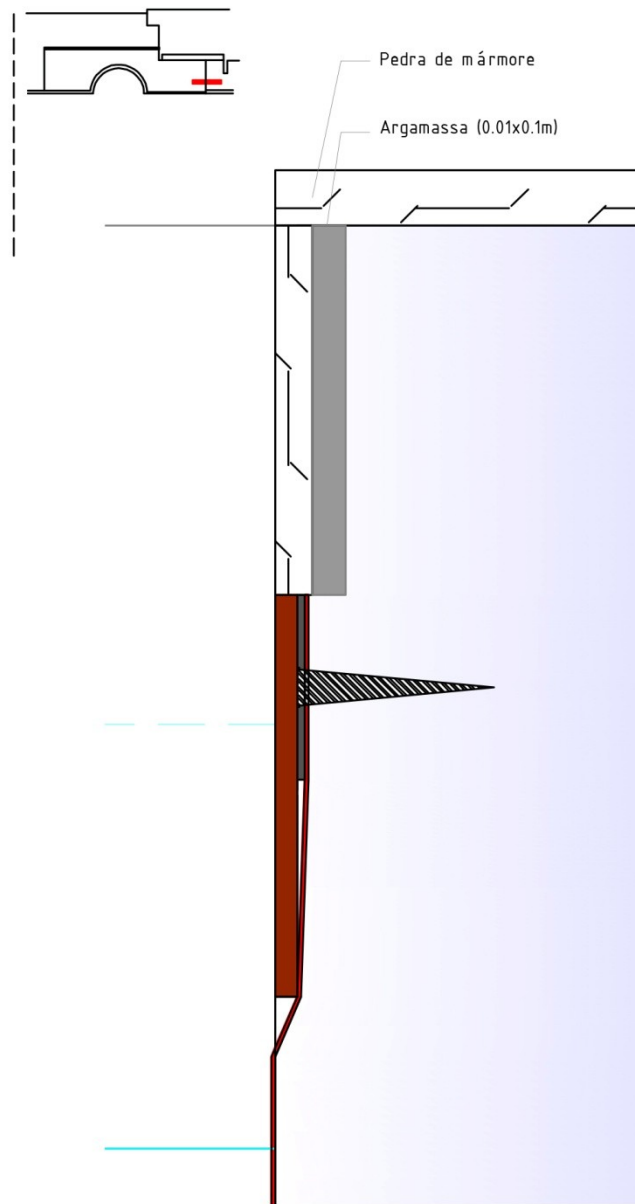
Assim, foram propostos remates revestidos por aço corten (Fig.11), de forma a unir e simplificar o espaço, através da cor que o muro de xisto Mourão difunde, que se prolonga para a parte frontal da cascata de mármore branco existente (Fig.13). O Aço corten ou Aço COR-TEN é um tipo de aço patinável, composto por uma camada de óxido de cor avermelhada, que se forma como proteção devido à sua exposição ao ar, apresentando por isso mais resistência à corrosão que o aço comum.

Como unidade e simplificadora do espaço, propôs-se *Hedera helix* ao longo do muro de xisto, interrompida por eventuais geófitos primaveris, como elemento-surpresa depositando a cor que o espaço reclama pontualmente (Fig.14). Apesar de a longo prazo a hera vir a ocupar o espaço por inteiro, optou-se pela integração dos geófitos para que inicialmente completem, de certa forma, o espaço. Assegurando a continuidade e coerência das formas geométricas que o espaço contém, sugeriu-se a repetição de formas circulares com vegetação, alternadas por vegetação de sistemas secos e aquáticos, de diferentes estratos, consoante a sua tipologia de habitat (Fig.9). As espécies variam desde nenúfares (*Nymphaea sp.*), juncos (*Juncus sp.*), papiros (*Cyperus sp.*), *Miscanthus sinensis*, *Carex pendula*, até *Phormium tenax* 'Atropurpureum', consoante a sua localização e apontamentos em pedra de xisto ao longo do espelho de água, dissipando assim a matéria do muro existente para a área em gravilha, que poderá servir para eventuais pontos de atração para aves, como desejado pelo cliente.





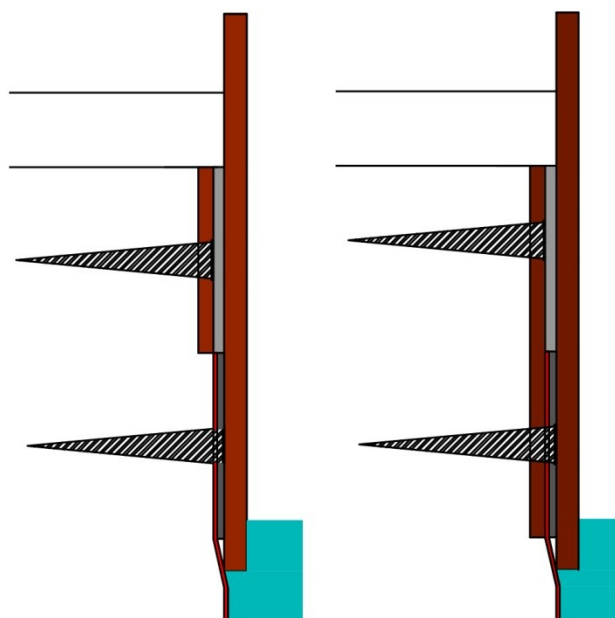
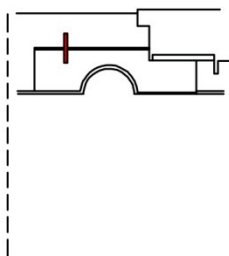
P1 muro – Remate com Aço corten e pedra de xisto existente



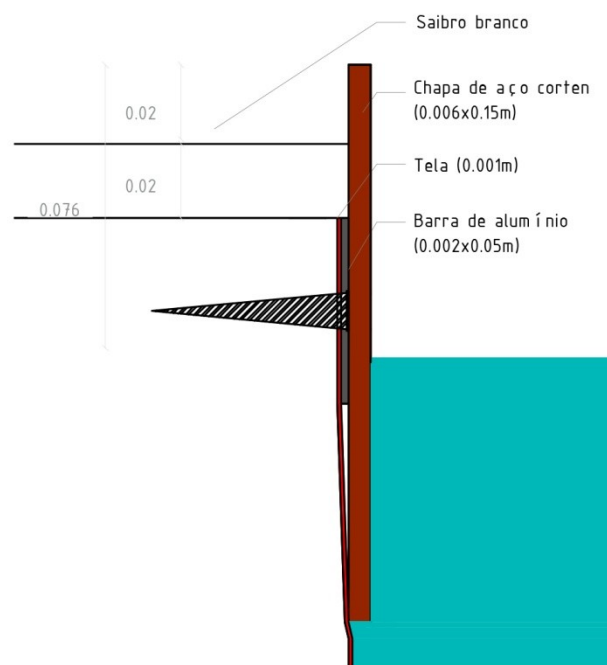
P2b parede – Remate com Aço corten e mármore existente Escala 1:2

Fig. 11 – Planta de estudo de pormenores de construção do remate do elemento de água da Quinta da Sobreira

Fig. 10 – Corte do elemento de água da Quinta da Sobreira



P3 murete - Remate com Aço corten e saibro



Escala 1:2





Fig. 12 – Perspetiva atual sobre a zona central da Quinta da Sobreira



Fig. 13 – Perspetiva representativa da proposta de intervenção para a zona central da Quinta da Sobreira



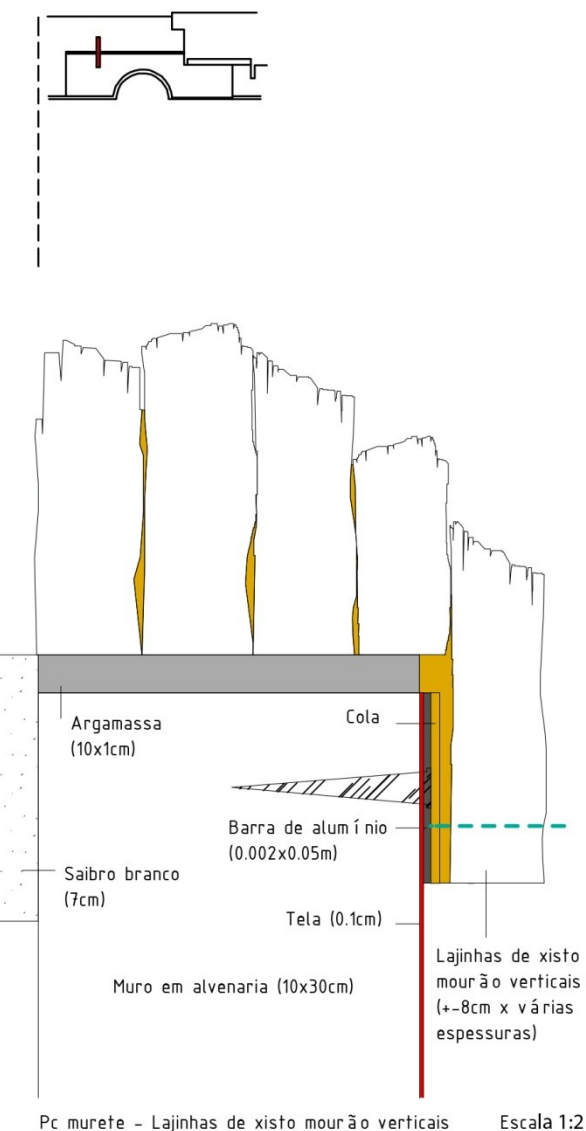
Fig. 14 – Perspetiva representativa dos eventuais geófitos primaveris nas áreas envolventes ao elemento de água da Quinta da Sobreira

## Reflexão crítica

O primeiro *estudo prévio* para este espaço foi apresentado à cliente pela Arquiteta Paisagista Andrea Morgenstern em (2012). Numa opinião pessoal, seria a proposta mais indicada. Não obstante, posteriormente à apresentação ao cliente, esta expressou simultaneamente preocupações ecológicas e sísmicas relativamente à proposta inicial da estrutura pelo facto de o elemento de água ser em betão armado.

Posto isto, tendo em conta a proximidade do elemento de água ao edifício, era imprescindível que a zona de interface que os conecta fosse impermeabilizada de forma adaptada, para que não existissem fugas de água passíveis de degradar o edifício. Apesar de a primeira proposta para a sua estrutura em betão armado resolver não só as questões de impermeabilização como também apresentar uma solução esteticamente eficaz e duradoura inicialmente idealizada, como já foi referido, a proposta de intervenção foi repensada, tendo sido desenvolvidas várias hipóteses, estudadas ao pormenor, apesar de se encontrar ainda numa fase de *estudo prévio*.

Assim, a opção por uma tela de revestimento de melhor qualidade foi eleita como a solução mais indicada perante as condições impostas pelo cliente, na qual se recorreu ao estudo em pormenor da mesma, dada a escassez de soluções de remates eficazes e esteticamente apelativos. Foi então necessário desenvolver uma investigação dos diferentes materiais que poderiam ser integrados no espaço de forma coerente, bem como de técnicas de fixação dos mesmos à respetiva tela.



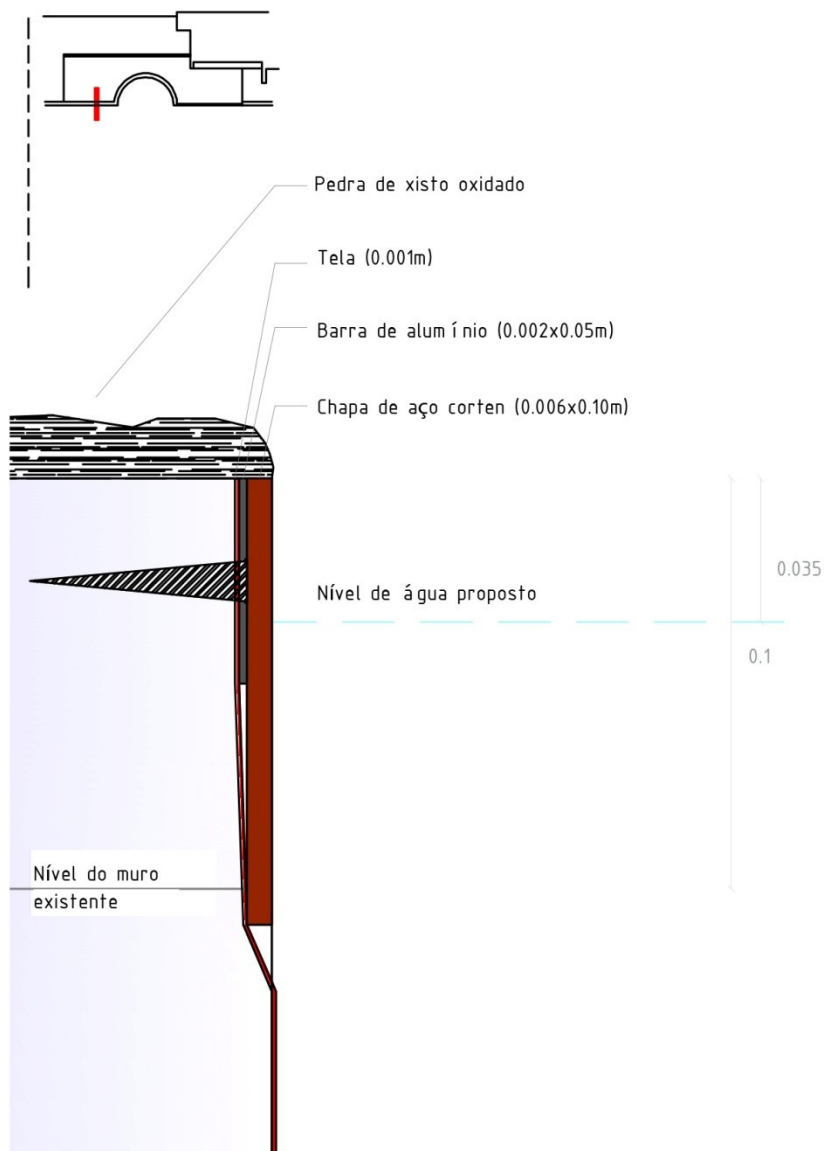
O contacto com a empresa fornecedora dos materiais em questão foi essencial para o conhecimento dos mesmos, assim como das soluções de fixação realizadas hoje em dia, não deixando de parte os seus custos para uma posterior estimativa orçamental.

Com base nos materiais existentes no espaço e tendo como objetivo dar continuidade tanto pela sua textura como pela sua tonalidade (como o xisto Mourão, o mármore branco ou o granito), procedeu-se então ao desenvolvimento de várias soluções de estudo para o remate do elemento de água, como ilustram as figuras nº 15, 16 e 17.

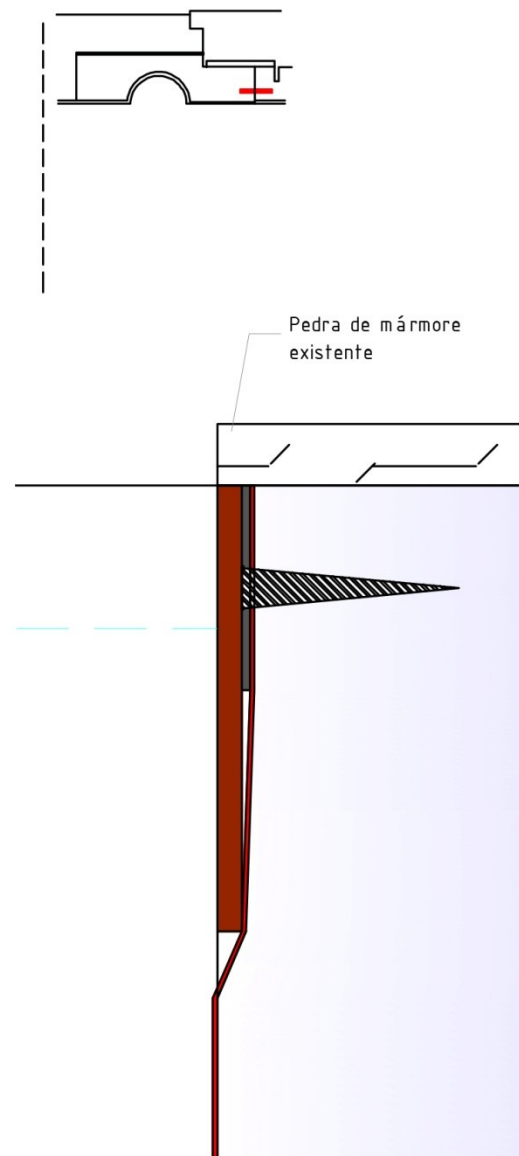
A necessidade de complementar este estudo através de fotomontagens foi essencial, não só para uma visualização global das diferentes propostas durante o estudo com a envolvente, mas também para a sua utilização como meio ilustrativo, clarificador de algumas dúvidas que poderiam surgir ao cliente durante a apresentação da proposta.

Paralelamente a este estudo dos diferentes tipos de materiais no remate do elemento de água, foram contactadas várias entidades tendo em consideração o tipo de materiais necessários, desde fornecedores a profissionais técnicos aptos para tal. Nesta fase, surgiram diversas dificuldades, nomeadamente devido à falta de profissionalismo dos mesmos, não só pela ausência de resposta, como também pelo desconhecimento dos potenciais de cada material, surgindo como um contratempo para a prática profissional. São estas situações que tornam difícil que o

Fig. 15 – Estudo de pormenores de construção do remate do elemento de água em xisto para o murete



P1 muro – Remate com Aço corten e pedra de xisto sobrelevado



P2 parede – Remate com Aço corten sobrelevado Escala 1:2



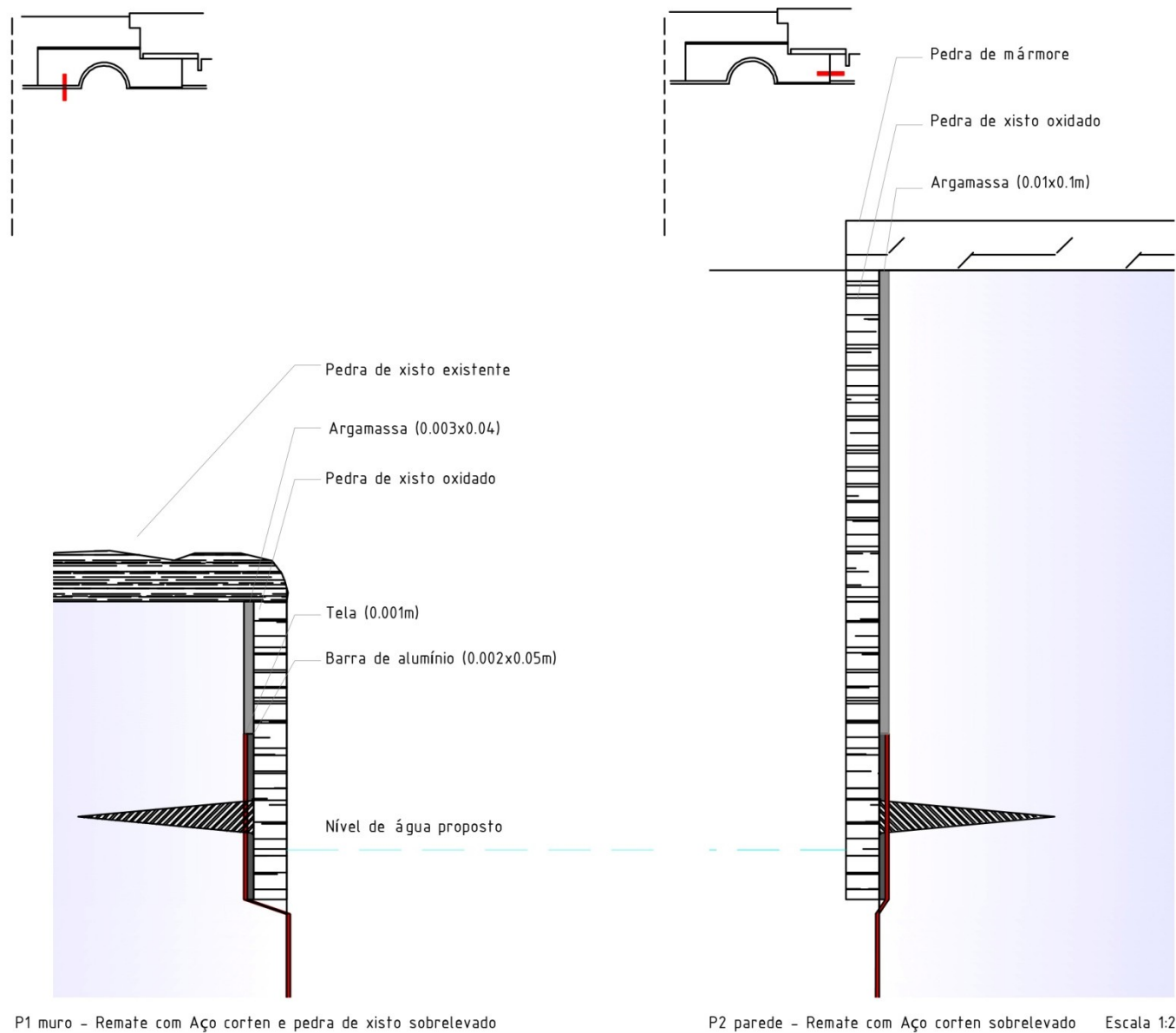
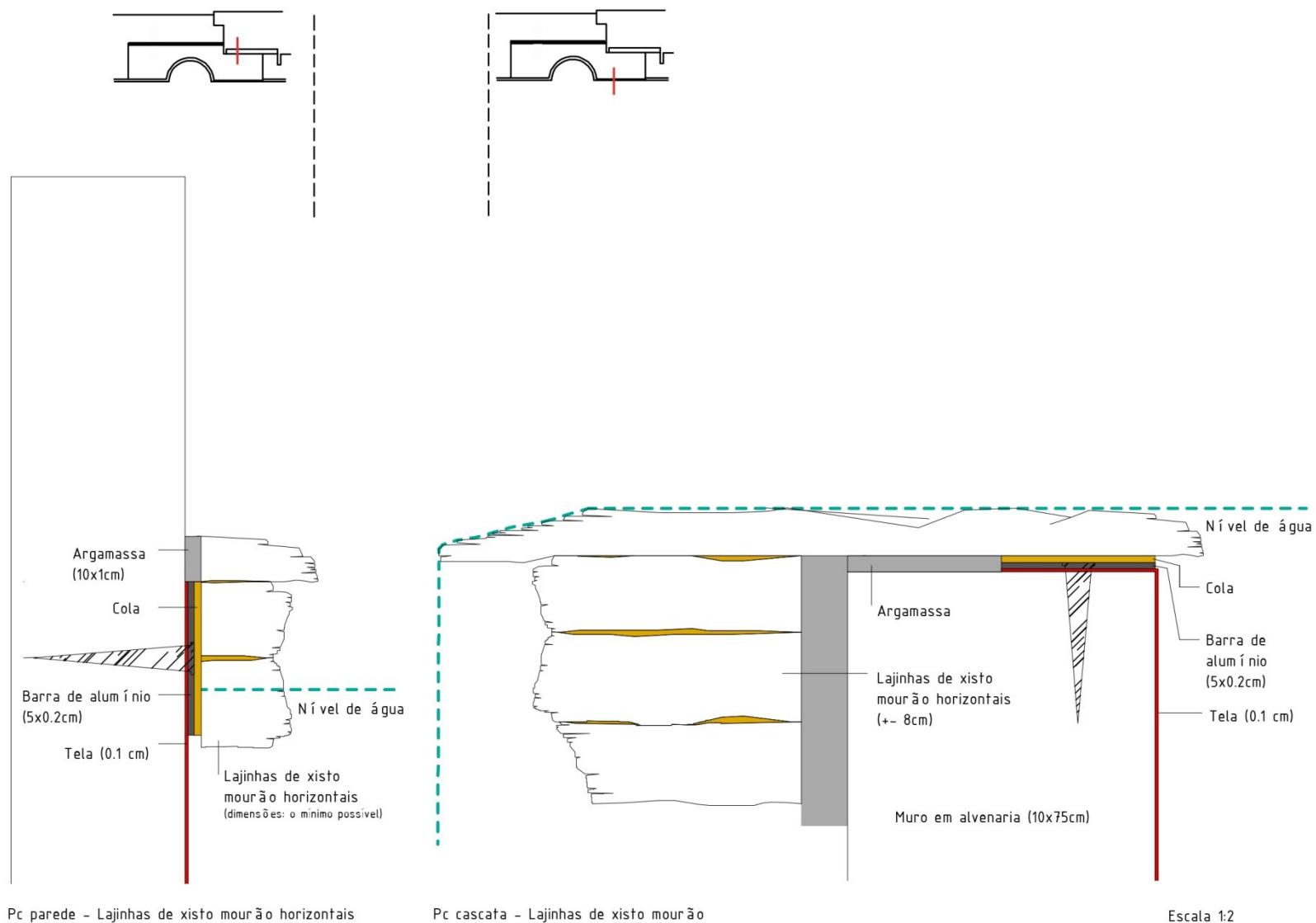


Fig. 16 – Estudo de pormenores de construção do remate do elemento de água em xisto e aço corten



trabalho do Arquiteto Paisagista seja executado com o profissionalismo que se pretende. Este projeto permitiu diagnosticar a existência algo limitada de entidades colaboradoras e profissionais competentes, próximas do concelho de Évora, visto que o distanciamento incrementa custos associados, resultantes das despesas de transporte e estadia durante a execução da obra, o que torna os seus valores impraticáveis, tendo em conta o limite orçamental apresentado pelo cliente.

Previamente ao contacto com os fornecedores e profissionais técnicos, foram elaboradas várias fichas técnicas dos possíveis tipos de materiais e soluções, em estudo, para que as entidades contactadas pudessem perceber de forma clara e sucinta o espaço em que se inserem, de forma a fornecerem soluções rápidas e eficazes, com a respetiva estimativa orçamental. Neste projeto, em particular, estas fichas foram utilizadas, nomeadamente como complemento, numa reunião realizada no *Atelier* com o serralheiro civil, onde existiu uma participação no diálogo entre ambos sobre uma possível solução para o remate do elemento de água em aço corten.

A necessidade deste estudo de pormenorização para o remate do elemento de água em fase de *estudo prévio*, a par dos contactos com entidades especializadas em cada tipo de material, revelou-se de especial importância para que a proposta, em fase de *projeto de execução*, não induzisse em erro, nem se tornasse impossível de se concretizar.

Pela necessidade de se optar por uma solução funcional, de uma forma minimalista, ao focar o que é essencial utilizando o mínimo de cor, formas geométricas e repetições simétricas, de custos controlados e que, ao mesmo tempo, captasse as atenções desejadas pelo cliente, decidiu-se optar pelo remate do elemento de água

em aço corten como proposta final. Já a proposta final para recuperação das áreas de plantação envolventes foi desenvolvida e definida *a priori* pela equipa projetista sem qualquer dificuldade, de acordo com o conceito adotado.

Neste momento, a reunião para a apresentação da proposta final ao cliente encontra-se suspensa, até existir disponibilidade da parte deste. Contudo, no caso de o mesmo não ficar satisfeito, poderão ser, posteriormente, apresentadas outras propostas que também se encontram em estudo.

Durante a elaboração desta proposta foi possível aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade, em *software* especializado como *Adobe Photoshop* e *AutoCad*, tendo sido dada a oportunidade de iniciação em *Vectorworks* (*software* CAD) e *InDesign*.

Como principais dificuldades, que decorrem da liberdade em ambiente académico, os limites orçamentais surgem como obstáculo à criatividade ilimitada e simultaneamente como novidade pessoal na prática profissional. Neste sentido, apesar de existir um alerta em ambiente académico sobre o limite orçamental é na prática profissional que se tem a verdadeira consciência da necessidade de conciliar a capacidade criativa com o contexto económico em que se vive.

De um modo geral, este projeto permitiu desenvolver a integração dos elementos existentes no espaço de intervenção com a envolvente, tendo em consideração as potencialidades dos mesmos e soluções de baixos custos.

Neste sentido, a falta de conhecimento e formação das entidades colaboradoras locais assume-se como um problema, dados os riscos de insucesso na finalização



das propostas, constituindo uma lacuna no panorama regional. Assim, as colaborações prestadas revelam um elevado índice de deficiência, nomeadamente para soluções com aço corten na região de Évora, bem como uma elevada carência ao nível de soluções técnicas, o que se torna num fator de desencorajamento e decepção no que respeita à prática profissional.

Ao ser exigido um esforço elevado ao nível de pesquisa de pormenor, a experiência torna-se extremamente enriquecedora, quer face à exploração de novos materiais e respetivas formas de aplicação, quer ao nível do seu comportamento, das suas dimensões e do modo como são aplicados, não descurando os respetivos custos, incluindo da mão-de-obra. Por fim, o contacto com esta realidade, relacionada com o mercado revela-se extremamente importante ao nível do conhecimento do processo construtivo da elaboração de propostas que, seguramente, complementam o conhecimento académico.

# 2.2

## PROJETO DE ARQUITETURA PAISAGISTA – 2ª FASE PARA A QUINTA DA FAMÍLIA LAVADO

Equipa de Projeto | *Atelier Jardins do Sul*

Tipologia de Projeto | Jardim privado

Localização | Santiago do Escoural - Évora

Área | Aproximadamente 240 m<sup>2</sup>

Fase do projeto | *Estudo prévio*

*Projeto de execução*

*Acompanhamento de obra*

Ano | 2013





Fig. 18 – Perspetiva representativa da proposta de intervenção para a área localizada no extremo Sul da Quinta da Família Lavado

## Análise



O espaço de intervenção situa-se na Quinta da Família Lavado, a Sudeste do centro da Vila de Santiago do Escoural, no concelho de Montemor-o-Novo (Fig.19), pertencente à Serra de Monfurado, inserida no sítio de paisagem protegida da Rede Natura 2000. A sua envolvente está definida, a Norte por habitações de tipologias semelhantes, a Nascente pela Rua Luís de Camões, a Sul por áreas contíguas a montado-misto de sobro, azinho e carvalho, em considerável estado de conservação e a Poente por áreas de pastagens, forragens e campos agrícolas (Fig.20).

A quinta de 3.500m<sup>2</sup> é limitada maioritariamente por vedações de rede metálica, com um muro a Nascente que inclui as três entradas principais, para cada proprietário da mesma família. Contém três edifícios habitacionais de carácter tradicional, dois deles recentemente recuperados e um conjunto de anexos degradados de apoio às atividades agrícolas e comércio de lenha, para os quais se pretende a sua reconstrução de raiz (Fig.22-D). Este conjunto reabilitar-se-á como um só edifício, de linguagem semelhante às habitações envolventes, composto por uma garagem, uma pequena oficina e um espaço de arrumos.

É de salientar que parte da quinta encontra-se em recuperação, cujo projeto de Arquitetura Paisagista foi realizado pelo *Atelier Jardins do Sul*, dividindo-se em duas fases.

Fig. 19 – Localização geográfica da Quinta da Família Lavado





25 m

Fig. 20 – Vista aérea sobre a Quinta da Família Lavado



A secção Norte-Noroeste da quinta, como ilustra a figura nº21, pertence à 1ª Fase do Projeto de Arquitetura Paisagista para a Quinta Família Lavado e encontra-se atualmente numa fase já terminada.

Uma das entradas principais da quinta, a Este (Fig.22-E), é limitada por uma área de jardim (Fig.22-C), com um pequeno elemento de água recentemente recuperado, que se estende tanto para Norte (Fig.22-A) - onde existe uma área agrícola, pontuada com algumas espécies arbóreas de produção, um poço e um tanque de rega (Fig.22-F) - como para Sul, percorrendo o pátio central entre as habitações (Fig.22-B) e a área de interface com o montado, localizada no extremo Sul da propriedade.

Os percursos articulam-se nas áreas mais nobres sendo constituídos por pavimento em calçada, para circulação automóvel e pedonal (Fig.22-E), sendo os restantes em saibro (Fig.22-A e C) funcionando como ligação a áreas de estadia mais recatadas. Apesar da vegetação arbórea de médio porte pontuar o espaço, com espécies como *Pinus pinea*, *Prunus cerasifera* var. *pissardii*, *Olea europaea* e *Melia azedarach*, a vegetação predominante é de porte arbustivo e herbáceo, em função do carácter do lugar, nas suas diferentes componentes (sombra, sol, cor, textura, forma) destacando-se desde tons glaucos e vermelhos até várias tonalidades de verde, associados a zonas de elementos de água. Como uma mais-valia, abarca grandes planos visuais de elevado interesse virados a Sul e a Oeste, para grandes áreas de montado e pastagens.

A área da 2ª fase é aproximadamente 615m<sup>2</sup> e inclui toda a zona Sul com calçada, bancos, canteiros e um espaço expectante (Fig.21).



Fig. 21 – Localização das fases de intervenção

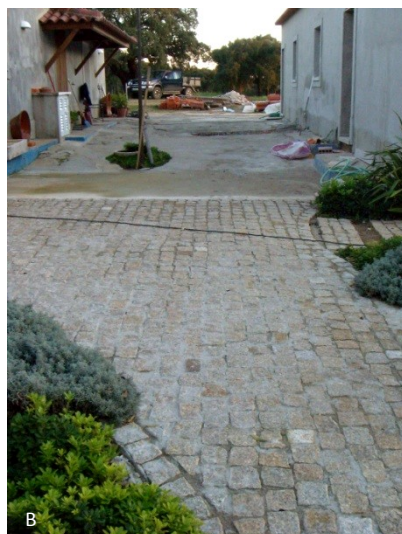


Fig. 22 – Fotografia A: Extensão do jardim para Norte; B: Pátio central entre as habitações; C: Área de estadia mais recatada, com um pequeno elemento de água; D: Extensão do jardim para Sul e em segundo plano o conjunto de anexos degradados; E: Percurso em calçada para veículos e peões; F: Vista sobre o tanque a Norte da propriedade



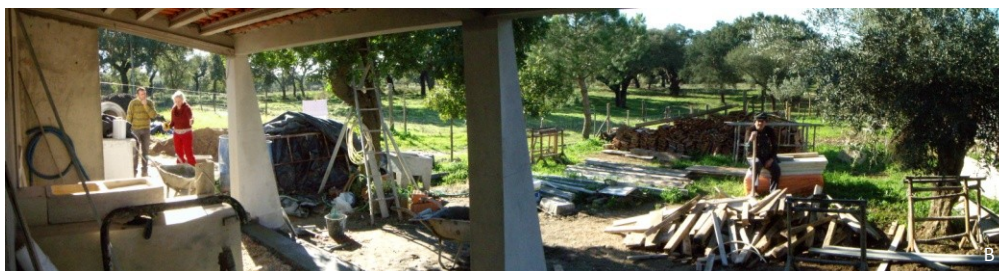
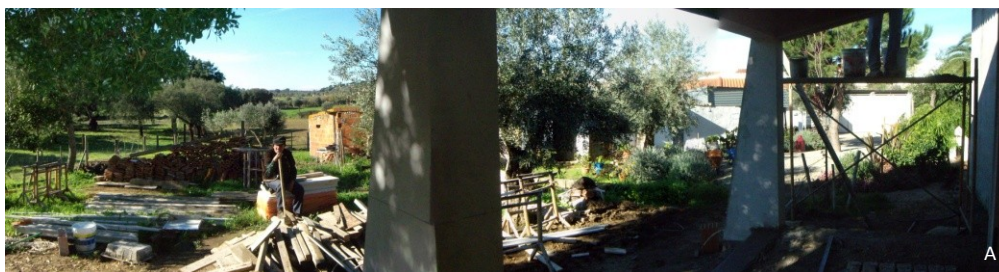
Relativamente à área de intervenção, pertencente à 2ª fase do projeto, com aproximadamente 240 m<sup>2</sup>, localiza-se no extremo Sul da Quinta Lavado, originalmente contígua a uma área de culturas de forragem e ao montado, apesar de estar delimitado na zona mais baixa por uma vedação de rede metálica (Fig.23-B). É um espaço de ligação, que articula a quinta com o montado, situado entre a futura garagem a NW e uma das habitações, que contém um alpendre ao longo da sua fachada virada a SW (Fig.23-C e D). Atualmente é utilizado maioritariamente como depósito de entulho (Fig.24) e destaca-se, principalmente por comunidades herbáceas que a ocupam (caracteristicamente pioneiras e ruderais), pela sua topografia (com uma ligeira pendente no sentido NE-SW, em direção à linha de drenagem de regime torrencial, adjacente à vedação) e pela pouca, mas marcante vegetação (contendo alguns exemplares notáveis, tais como *Myoporum tenuifolium*, *Pinus pinea*, *Laurus nobilis*, *Nerium oleander*, e *Olea europaea*). Pode-se concluir que é um espaço aberto, de grande amplitude visual, sobre os valores paisagísticos existentes, nomeadamente o montado na Serra de Monfurado (Fig.23-A), áreas de culturas arvenses e parte da Vila de Santiago do Escoural (Fig.23-B).





Fig. 23 – Fotografia A: Vista sobre o montado envolvente; B: Vista panorâmica sobre áreas de culturas arvenses envolventes e parte da Vila de Santiago do Escoural; C: Vista panorâmica sobre o espaço de intervenção; D: Vista sobre a área de telheiro e o espaço de intervenção





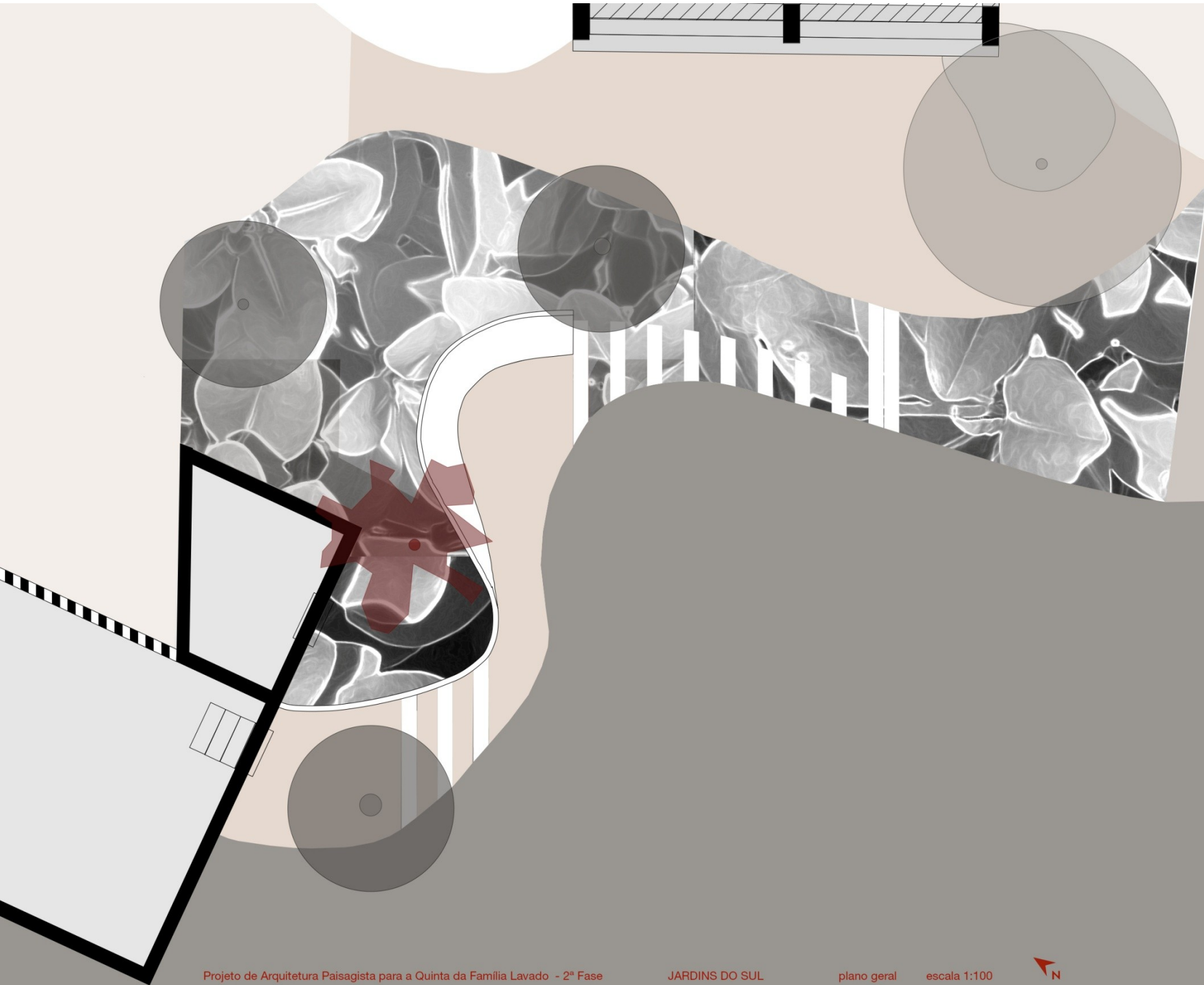
## Programa e Objetivos

A pedido do cliente, tentou-se integrar as seguintes ações:

- . Reprodução de um antigo “banco de jardim” em alvenaria;
- . Integração de materiais rústicos como sulipas, rochas graníticas ou vasos tradicionais;
- . Substituição do pinheiro central por outra espécie arbórea.

Neste sentido e segundo o carácter do lugar, desenvolveu-se uma proposta com os seguintes objetivos:

- . Ter em conta a localização próxima do montado e de culturas forrageiras;
- . Potencializar as espacialidades presentes que evidenciam as características do espaço bem como as pré-existências que nele permanecem e as intervenções construtivas a efetuar, apresentando qualidade, contemporaneidade e criatividade, adequados ao carácter do lugar e de forma coerente;
- . Permitir a sua acessibilidade e circulação.



## LEGENDA



## Proposta

Apesar de existirem vários ambientes diferenciados na quinta, julgou-se importante conferir uma unidade formal assumida em toda intervenção, para que edifícios e espaços exteriores se complementassem e se valorizassem mutuamente. A coerência pretendida resultou do “contraste” entre as duas realidades, a vila e o montado, em que se evidencia, através de um desenho simples e orgânico, onde o montado se contrapõe à rigidez e à assimetria do edificado. Assim, a proposta a que se refere o Plano geral nº 25, procurou criar um equilíbrio e um diálogo entre a natureza e a cultura, através de um desenho fluido da vegetação e pelo isolamento de elementos perturbantes, nomeadamente obstáculos visuais ou sensoriais, à valorização do montado. De acordo com o carácter do lugar, o valor ambiental, estético, visual e cultural, assim como o valor dos elementos construídos e do coberto vegetal existentes, considerou-se como objetivo primordial no estudo desenvolvido, o equilíbrio do existente com as necessidades de ocupação a construir.

Desta forma, adaptando as curvas de nível, foi trabalhada a morfologia do terreno, transmitindo unidade e continuidade com a sua envolvência, gerando assim um espaço coerente pela sua expressão orgânica, que enfatiza a geometria e dinâmica da proposta. Foi através do desenho da topografia que resultou a divisão de duas ambiências – a Sul uma área de prado de sequeiro e a Norte uma área de estadia e circulação (Fig.25).



Tendo em conta os pressupostos pedidos e a valorização da paisagem, associando o mobiliário à construção do espaço, propôs-se a implantação de um banco com aproximadamente 6 m<sup>3</sup> (Fig.26 e 28) no limite Norte da área de intervenção, direcionado para Sul, nomeadamente para a zona com maior potencial paisagístico. O desenho do banco, baseia-se na forma dos paralelepípedos simples da tradição alentejana (que se encontram nas fachadas das habitações da quinta), que aqui, por se encontrar inserido no jardim e desconectado da arquitetura, se molda às formas fluidas do desenho do espaço exterior envolvente.

Partindo das geometrias pré-existentes, propôs-se um contraste entre linhas curvas e retilíneas. O pavimento será em saibro, com sulipas fornecidas pela cliente e que se localizarão ao longo de um muro de suporte, em alvenaria, que acompanha a morfologia do terreno a partir da fachada a SE da garagem. Este elemento adquire, simultaneamente, a função técnica de suportar terras e a função de estadia (Fig.27 e 28).

Neste sentido, tendo em conta que este espaço se caracteriza como um espaço aberto, onde escasseia a vegetação para proteção do ruído, vento e exposição solar e também enquanto elemento estético e de composição do espaço, ela é aqui considerada e proposta como tal, definindo espaços e percursos, a Norte do banco, criando uma barreira visual com espécies mediterrânicas, de modo a integrar as três oliveiras existentes e permitindo assim que este espaço se transforme num refúgio que procura fomentar a estimulação sensorial: as texturas, a cor, o cheiro e o som. Foram propostas espécies bem adaptadas, bastante resistentes a condições de maior secura de solo e ar, e a menores necessidades hídricas, o que permite a utilização de um regime de rega e de consumo de nutrientes reduzidos.



Fig. 26 – Perspetiva representativa da proposta de intervenção, para a área localizada no extremo sul da Quinta da Família Lavado



Fig. 27 – Perspetiva isométrica do banco proposto

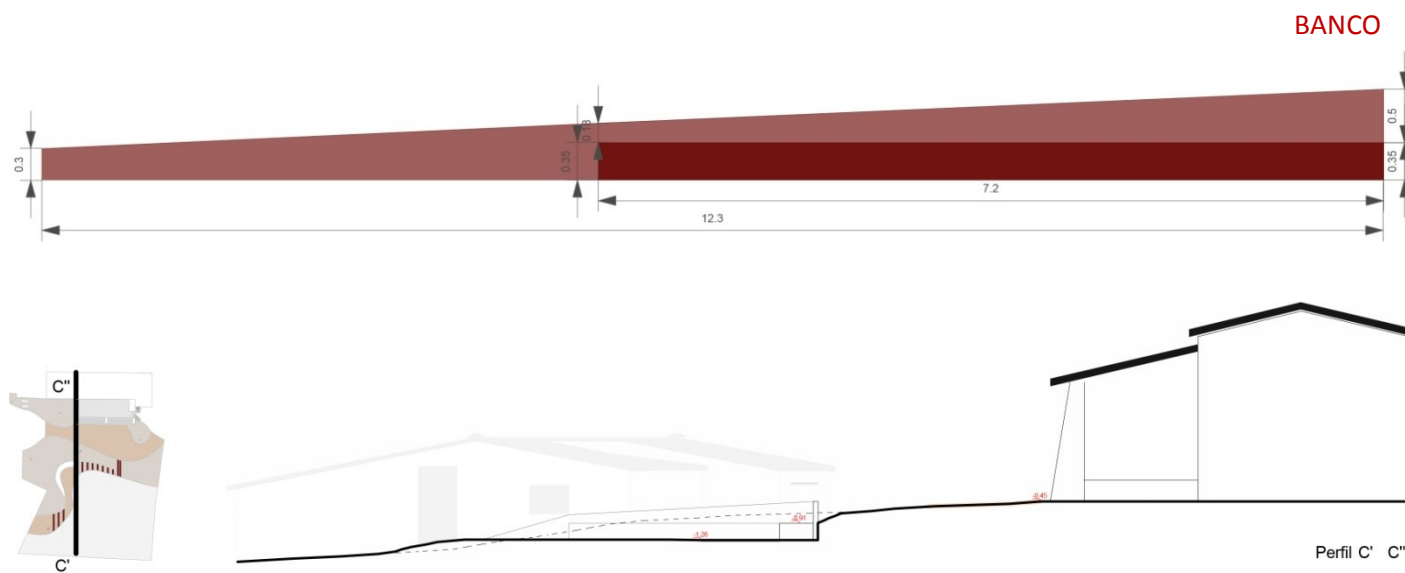


Fig. 28 – Cortes representativos do banco proposto na área de intervenção

Assim, a continuidade da vegetação passou pela criação de um sistema mais seco, com espécies herbáceas e arbustivas pouco densas (alusivas às espécies herbáceas envolventes do espaço: montado e culturas arvenses), tendo-lhes sido atribuído uma carga mais “leve”, gerando movimento através do vento e cor através do sol que reflete ao final do dia, momento de exaltação das cores no horizonte, incidindo principalmente sobre as gramíneas propostas, de modo a criar uma ligação mais estreita com a sua envolvência, não descurando o estímulo do olfato através de espécies aromáticas. Por ser um lugar com grandes amplitudes térmicas, propôs-se uma *Tipuana tipu* a Norte do banco, de forma a proporcionar sombra à área de estadia e a substituição do *Pinus pinea*, que se encontra em frente à garagem, por *Melia azedarach* - árvores já existentes na quinta. A pedido do cliente, a implantação de alguns elementos rochosos de granito, provenientes da quinta da família Lavado, surgem como pontuações no espaço e que, do seu ponto de vista, são um elemento essencial no jardim.

*“All my work is related to trying to recreate spontaneous feeling of plants in nature. The idea is not to copy nature, but to give a feeling of nature” (Oudolf P., 2007)*



## Reflexão crítica

### Do projeto à obra

Foi este projeto que possibilitou o primeiro contacto com a *fase de obra*, tão ambicionada durante o percurso académico. Uma vez finalizado o *projeto de execução* da 1ª Fase, surgiu a possibilidade de acompanhar o decurso da obra da segunda fase antes de iniciar o *estudo prévio* - 2ª Fase para área de interface com o *montado*, localizada no extremo Sul da propriedade (Fig.21). Por se encontrar já numa fase avançada, o *acompanhamento de obra* da segunda fase, permitiu um contacto mais próximo com os vários técnicos e uma melhor apreensão ao nível dos pormenores de construção, nomeadamente:

. Na remoção e implementação da calçada e, das caldeiras e canteiros;



. Na implantação do saibro;



. Na construção dos pilares do portão;



. Na finalização do telheiro;



. Na reconstrução dos bancos “tradicionais” pré-existentis localizados nas fachadas das habitações;



Fig. 29 – Conjunto de Fotografias relativas ao *acompanhamento de obra* prestado pelo estagiário durante a 2ª Fase

Ocorreram também algumas situações imprevistas, tal como alterações de alguns pormenores, em fase de *acompanhamento de obra*, que já estavam definidos e aprovados pelo cliente desde o *estudo prévio* - 2ª Fase.

Uma das situações imprevistas mencionadas supra foi o caso do pavimento de betão afagado no alpendre, para o qual foi pedida a inserção de alguns cubos de calçada de granito junto da entrada da habitação (Fig.30) (procedimento que não estava previsto no *estudo prévio*). Se a cliente tivesse optado pela simplicidade, teria sido mais favorável do ponto de vista estético. Situação idêntica surgiu no que respeita ao pavimento da garagem (Fig.31).

Outro exemplo: no extremo Sul da área adjacente ao alpendre, inicialmente definida e aprovada em *estudo prévio* como sendo um espaço de ligação entre o alpendre e o pavimento em saibro que surge a Sul, foi proposto um espaço em saibro e que compreendia as instalações do gás, um tanque de lavar a roupa e uma área central de vegetação entre ambos (Fig.33). Por solicitação do cliente, em fase de *acompanhamento de obra*, alterou-se esta área para um pavimento em calçada, devido a problemas relacionados com o tanque e por rejeitar o tipo de pavimento (Fig.32). Esta escolha de pavimento em saibro justificava-se pelo facto de ser uma pré-existência na zona Norte da quinta e por ter um contacto mais próximo com o montado a Sul, comportando-se como um pavimento menos nobre e de ligação com a envolvente.

Na área de entrada de uma das habitações, onde tinha sido proposto um retângulo de calçada de granito envolvido por vegetação, semelhante ao caminho em calçada existente junto ao pátio central (Fig.34), tendo sido proposto de forma a promover alguma coerência e continuidade tanto de materiais como de desenho, o cliente



Fig. 30 – Vista sobre os cubos de granito inseridos no pavimento do alpendre



Fig. 31 – Vista sobre os cubos de granito inseridos no pavimento da garagem



Fig. 32 – Vista sobre as instalações do gás e do tanque atual



Fig. 33 – Plano proposto e plano de alteração da área adjacente ao alpendre



Fig. 34 – Vista sobre os retângulos de calçada de granito envolvidos por vegetação no pátio central



Fig. 35 – Vista sobre a entrada da habitação sem os retângulos de granito propostos



Fig. 36 – Vista sobre os “bancos tradicionais” pré-existentes



Fig. 37 – Vista sobre a reconstrução dos bancos nas fachadas das habitações



Fig. 38 – Vista sobre o pinheiro manso pré-existente

apercebeu-se, nesta fase, que tal não faria sentido em frente a esta porta, uma vez que queria colocar um tapete. Também adjacente à zona de entrada, foi proposta vegetação, como nas situações semelhantes, de modo a permitir uma integração com as moradias e uma ligação com a paisagem envolvente. Contudo, o cliente também mudou de ideias e pediu que as plantas fossem retiradas (Fig.35).

No alçado Este da habitação, onde estava definida a construção de “bancos tradicionais” ao longo da fachada, semelhantes ao edifício em frente (Fig.36). Durante a obra, o empreiteiro informou que a construção dos mesmos não podia ser efetuada devido à coincidência das sapatas antigas com a área de escavação dos bancos. Deste modo, foi repensada a proposta relativamente ao banco, que se traduziu num banco contínuo, no lugar de dois bancos como inicialmente tinham sido propostos (Fig.37).

Já no espaço central, pontuado por um pinheiro manso de grande porte (Fig.38), que tinha como principal função proporcionar sombra para os veículos dos proprietários, por razões que nos são alheias, a cliente optou pelo abate após a realização do *estudo prévio*, uma vez que pretendia outro tipo de árvore e por não se identificar com esta. De facto, esta situação tornou-se um exemplo de situação para a qual o Arquiteto Paisagista deve estar preparado, entre outras.

O início do *estudo prévio* - 2ª Fase para área de interface com o montado desenvolveu-se em conjunto com a construção da garagem, tendo sido acompanhado pela equipa em todo o processo construtivo. Tendo por base a implantação da garagem, procedeu-se ao levantamento topográfico do espaço de intervenção *in situ*, recorrendo a métodos tradicionais como a “mangueira de nível” (Fig.40). Amplamente utilizado em pequenas obras civis, este processo, que vai ao



encontro do princípio dos vasos comunicantes, consiste na marcação de vários pontos no terreno através de estacas, tendo por base uma cota de referência pré-estabelecida. O levantamento dos níveis a cada ponto estabelecido, passa pelo transporte da referência adotada, utilizando uma mangueira transparente (mangueira de cristal) repleta de água e isenta de bolhas de ar, com o auxílio de uma régua graduada. No entanto, para este tipo de obras, hoje em dia já existem níveis a laser que, de certa forma, facilitam a execução, caso não existam obstáculos. Este tipo de metodologia traduziu-se numa experiência que, apesar de ser básica, é bastante precisa e fiável, servindo como complemento ao conhecimento geral em técnicas de obra.

Posto isto, procedeu-se à concretização do Plano de Modelação do Terreno (Planta de nivelamento, Perfis, Cálculo de Volumes de Terra) e do Plano de Implantação (Planta de Implantação Altimétrica e Planimétrica) com recurso a *software* - *Vectorworks*, como base para avançar com o estudo da proposta.

A pedido do cliente de que o espaço teria que conter uma reprodução de um antigo “banco de jardim” em alvenaria e a integração de sulipas (Fig.39), desenvolveram-se várias soluções onde o elemento iria assumir uma forma paralelepípedica e simples, semelhante aos bancos tradicionais das fachadas das habitações, com o objetivo de existir uma linguagem contínua. Contudo, a cliente sublinhou que gostava de adornos curvos. Desta forma, desenvolveram-se possíveis estudos de relação entre um muro de contenção de terras e um banco, ambos curvilíneos. Tendo em conta este conceito, surgiu um desenho nesse sentido, interligando a vegetação e um percurso correspondente a uma área de pavimento em saibro com a coligação de sulipas e vegetação rasteira, em escada, como suporte do desnível existente (Fig.25 e 26).





Fig. 39 – Vista à esquerda sobre um exemplo de “banco de jardim” idealizado pela cliente e à direita as sulipas



Para a apresentação da proposta, materializou-se a ideia em perspetivas realizadas em *Photoshop*, que o cliente aprovou, excedendo as suas expectativas. A dimensão do banco foi estudada em vários pormenores de construção, e ensaiada numa maquete, tendo sido optada a dimensão mais adequada a uma melhor relação uso/conforto. Para a apresentação da proposta final, a concretização de perspetivas em *Photoshop* e imagens 3D em *SketchUp* revelou-se essencial para o cliente, promovendo uma visualização mais concreta e global da proposta.

Este primeiro contacto com a obra, permitiu perceber que o seu *acompanhamento de obra* é fundamental para que o resultado corresponda às expectativas. O facto de terem existido imprevistos nesta fase obrigou à realização simultânea de dois projetos – um de *estudo prévio* e outro de alteração de proposta, o que se traduziu num atraso na finalização e entrega de propostas pendentes.

A execução de obra da 2ª Fase para área de interface com o montado, traduziu-se em várias etapas:

**1ª** Limpeza do terreno



**2ª** Trabalho de Terraplanagem com uma retroescavadora na área adjacente ao telheiro para a construção do saibro





**6º** Impermeabilização da fachada da garagem adjacente ao banco com geodrenos e brita e colocação de aterro a Norte do banco, com terra fértil para jardim

**3º** Implantação e construção da área de saibro



**4º** Escavação, implantação e construção da área do banco



**5º** Implantação dos elementos rochosos



**7º** Implantação da vegetação e do sistema de rega a Norte do banco



**8º** Implantação das sulipas e do saibro a Sul do banco



**9º** Movimento de terras com uma retroescavadora a Sul do saibro



**10º** Implantação da restante vegetação e sistema de rega a Sul do saibro



**11º** Implantação da Mélia em frente à garagem e sistema de rega





### Evolução do projeto em fase Pós-obra

Numa fase de pós-obra, a evolução do projeto realizado revelou-se bastante rápida, tanto que em três semanas a um mês, apesar de expectante, se tornou gratificante, excedendo as expectativas dos projetistas e do cliente. Neste período de tempo, a vegetação começou a ganhar forma, volume e cor, refletindo uma boa capacidade de adaptação (Fig.42, 45 e 46). Pelo facto de o cliente pretender obter resultados a curto prazo, para inauguração com amigos e familiares, a estratégia adotada para um resultado mais rápido e eficiente em termos de cobertura foi reduzir o compasso de plantação, obtendo assim um melhor desempenho estético, sendo posteriormente retiradas, consoante a sua evolução. Posto isto, este espaço vai proporcionando, ao longo do tempo, um ambiente mais colorido, frondoso e dinâmico e, por isso, mais aprazível. Apesar de o cliente se mostrar apreensivo perante as espécies gramíneas propostas em *estudo prévio*, ao terminar da obra e acompanhando a sua evolução, ficou bastante satisfeito com o resultado. Em relação à vivência do espaço o cliente deu-nos um *feedback* bastante positivo no qual caracterizou o local como sendo um refúgio para os seus pequenos prazeres do dia a dia (Fig.43 e 44). Assim, conclui-se que, efetivamente, os clientes não sabem exatamente o que desejam, até terem a percepção visual e real da proposta, uma vez que, na maioria das vezes, esta percepção teórica e mental, se distancia da perspetiva e imagens visual e real.



Fig. 42- Evolução pós-obra da vegetação









Fig. 44– Vistas sobre o montado e o espaço de intervenção a partir do banco







Fig. 46- Desenvolvimento da mélia, na qual três meses depois já continha folhas



# 2.3

## PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EXTERIORES DA CASA CUNHA RIVARA

Equipa de Projeto | *Atelier Jardins do Sul*

Arquitetura | *Atelier dos Arcos*

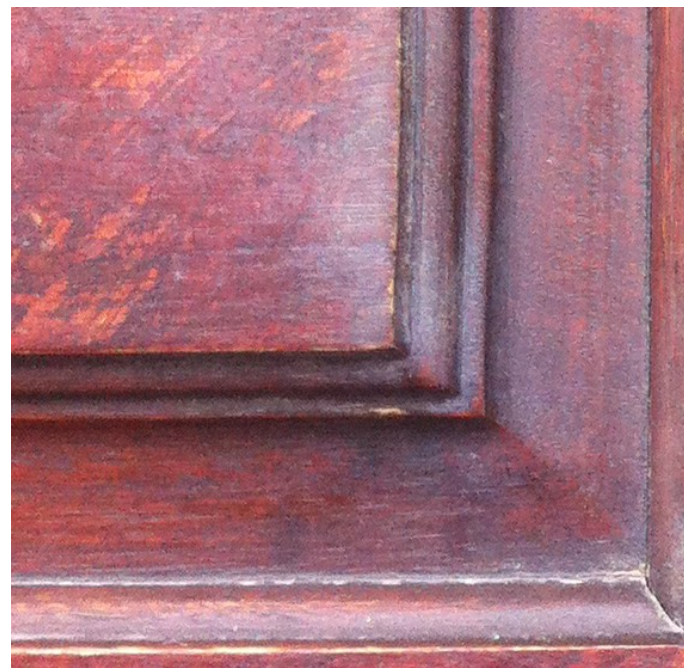
Tipologia de Projeto | Jardim privado

Localização | Arraiolos

Área | Aproximadamente 440m<sup>2</sup>

Fase do projeto | *Estudo prévio*

Ano | 2013



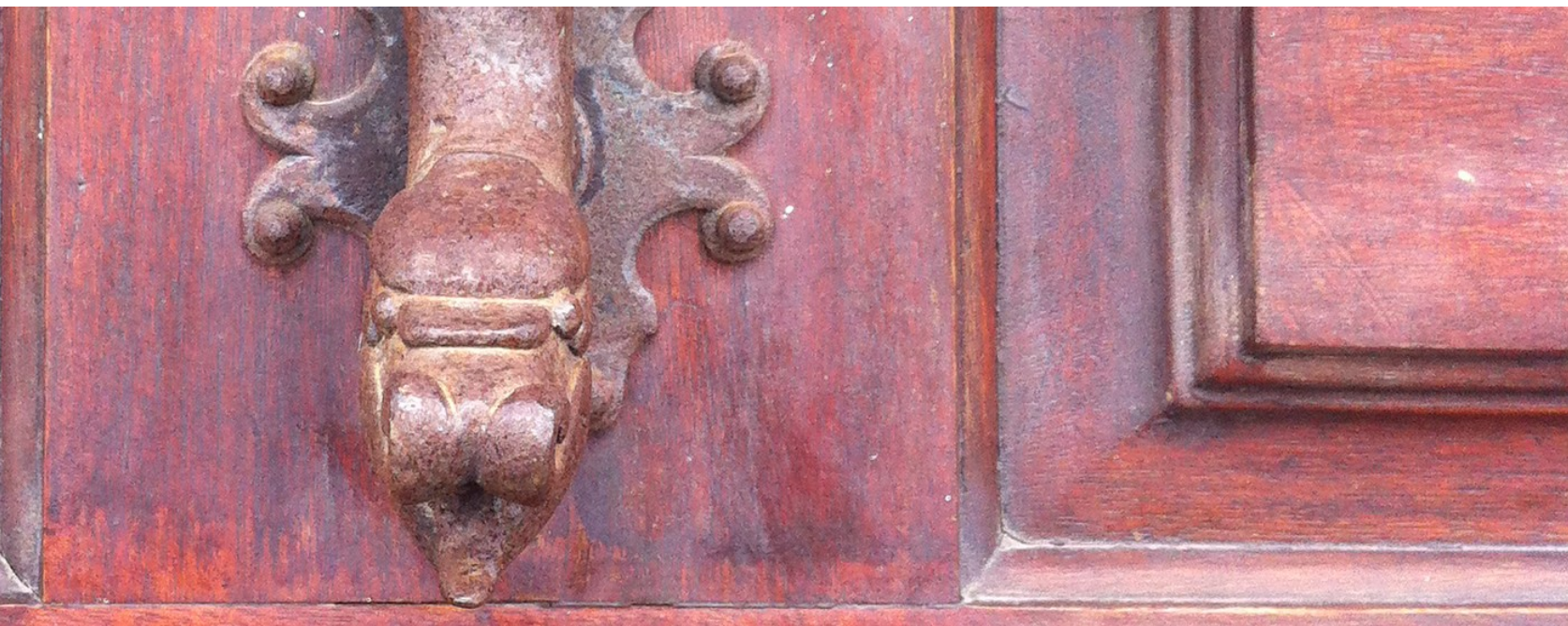


Fig. 47 – Pormenor da porta de entrada da Casa Cunha Rivara



A map of Evora, Portugal, with a light gray background. A blue location pin is placed in the upper central part of the map, indicating the location of Casa Cunha Rivara. The city of Evora is labeled in the lower right quadrant. A north arrow is located in the top right corner.

### Análise e caracterização do espaço de intervenção

A Casa Cunha Rivara localiza-se no Perímetro Urbano da Vila de Arraiolos, a 170 metros SE do Castelo, na Rua Cunha Rivara (Fig.48). Inserida em plena malha urbana, está limitada a SW pela Travessa do Castelo, a SE pela Travessa do Pátio, a NW pela Rua Cunha Rivara e a NE por habitações (Fig.49).

É uma casa de família de origem nobre, que recentemente foi recuperada com o intuito de ser integrado um novo tema de alojamento local – *Guesthouse*, devido à sua localização privilegiada, à sua história e à quantidade de serviços que pode oferecer.

A propriedade de 920m<sup>2</sup> é composta por dois edifícios habitacionais. Um deles irá funcionar como um futuro ginásio, que dá acesso a uma varanda (antiga “namoradeira”) (Fig.52). Ambos os edifícios, contêm vários acessos que confluem num pátio com pavimento em calçada, onde se encontra uma antiga cisterna (Fig.54). Este pátio de 100 m<sup>2</sup>, tem uma ligação à Travessa do Castelo e também ao espaço a intervir, situado no extremo Sul da propriedade, através de um lance de escadas (Fig.53).

Relativamente ao espaço de intervenção, com aproximadamente 312 m<sup>2</sup> localiza-se na cota mais baixa da propriedade e caracteriza-se por um espaço aberto, limitado por um muro que varia entre 1.30m a 3m.

Fig. 48 – Localização geográfica da Casa Cunha Rivara



25 m

Fig.49 – Fotografia aérea da Casa Cunha Rivara



Atualmente, a área de intervenção caracteriza-se pelo relevo pouco ou nada acentuado, no sentido NW-SE, com apenas uma laranjeira e uma oliveira, sendo utilizado unicamente para estacionamento de veículos. Visto tratar-se de um jardim, logo um espaço mais recatado, o portão associado a este espaço, e por onde atualmente se dá a entrada de veículos, será retirado, funcionando como continuação do muro existente (Fig.51).

Tendo em conta a sua fisiografia e altimetria, a casa insere-se numa das encostas do Castelo de Arraiolos, com orientação NO-SE, onde os espaços a Sul do edificado, usufruem bastante da potencialidade visual sobre a paisagem envolvente (Fig.55).

Nos espaços exteriores da Casa Cunha Rivara, inserida em pleno centro histórico, é possível visualizar a parte central da Vila, até o Convento de São Francisco e moinhos adjacentes, numa amplitude visual aproximada de 112º SE. Devido à cêrcea do edifício, existe uma hierarquia visual até ao espaço de intervenção, que potencia diversas ambiências (Fig.50).

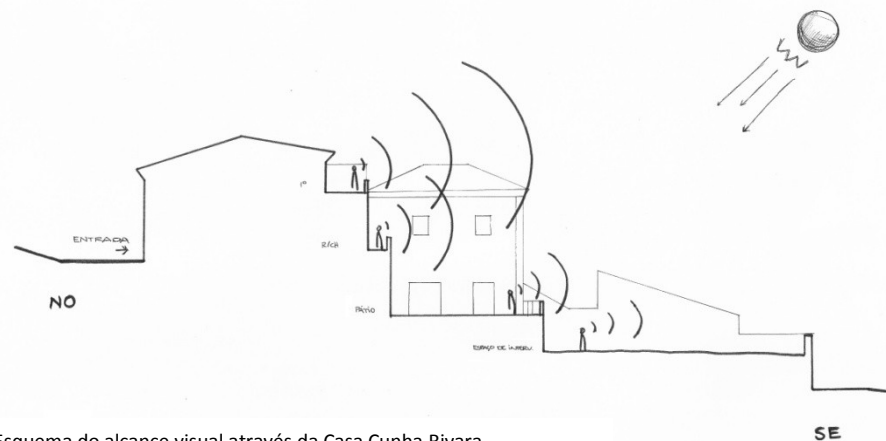


Fig. 50 – Esquema do alcance visual através da Casa Cunha Rivara



Fig. 51 – Vistas sobre o espaço de intervenção



Fig.52 – Vista sobre a garagem e a antiga “namoradeira”



Fig. 53 – Vista sobre o a fachada da casa virada a SE



Fig. 54 – Vista sobre o pátio e a antiga cisterna





### Contextualização histórica

Segundo Cerico (2007), foi nesta casa que nasceu Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara a 23 de Junho de 1809, filho do Médico António Francisco Rivara e de Maria Isabel Da Cunha Feio Castelo Branco. Aos 10 anos, saiu da Vila de Arraiolos e partiu para Évora onde se instruiu em Francês, Latim, Filosofia Racional e Moral, Retórica e Grego. Aos 15 anos, foi para a Universidade de Coimbra e, em 1828, termina o primeiro ano de Medicina. Durante três anos de interrupção Universitária, devido às dificuldades do governo miguelista, permanece em Arraiolos onde se dedicou à leitura e escreveu o livro “Memórias da Villa de Arrayolos”. Em 1836, formado em Medicina, volta definitivamente para a casa do pai em Arraiolos, desempenhando, desde então, cargos que pouco se relacionavam com a sua formatura, tais como: Oficial de Administração, Professor de Liceu, Bibliotecário da Biblioteca Pública Eborensis (1838-1855), Deputado e Secretário Geral da Índia (1855-1870). Morre em 1879, tendo efetuado os seus últimos trabalhos de investigação na Biblioteca de Évora.

Em toda a sua vida, escreveu e publicou inúmeros artigos e livros sobre diversas áreas, da história à linguística, da política às crónicas de viagem e, em diferentes lugares, nomeadamente em Arraiolos, Évora e Goa. Distinguiu-se principalmente pelo extraordinário trabalho de **reorganização** que efetuou na Biblioteca Pública de Évora e pela importante investigação histórica de Goa a que se dedicou durante a sua estadia no **Oriente**. Considerado como um “bibliotecário romântico”, tinha uma paixão por **livros** e pela **história** nacional e via a biblioteca como uma peça fundamental ao serviço da instrução. Dava primazia às obras modernas e, por isso, a



sua gestão baseava-se nos **contemporâneos** portugueses. Para Rivara, o conceito de livro limitava-se aos que são **úteis** e modernos.

*“Não concluiremos contudo este artigo sem reflectir que assim como na natureza nada há inútil, assim na república literária tudo tem seu préstimo”*

(Rivara, 1985)

### Palavras-chave

Tendo em conta o carácter do lugar e as condicionantes anteriormente expostas, resultaram várias palavras-chave que foram a base conceptual para o desenvolvimento da proposta (Fig.56). Procurou-se assim fazer um paralelismo entre jardim e o significado de biblioteca para Cunha Rivara.



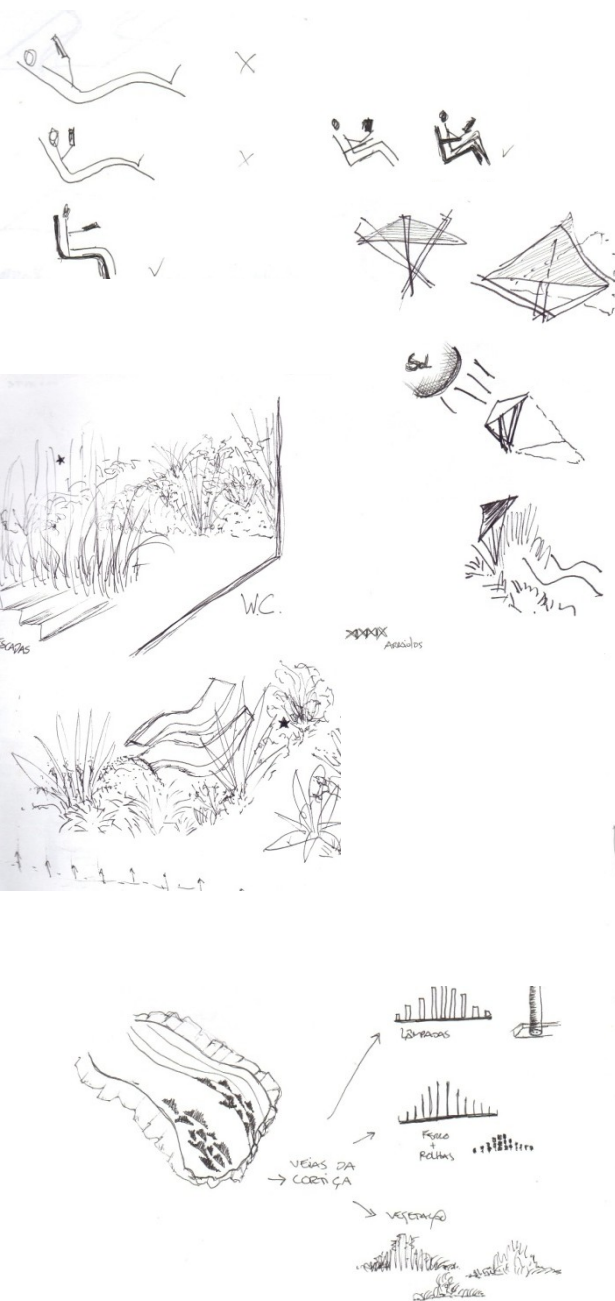


## Programa

Logo de início foram delineadas várias condicionantes por parte do proprietário, que incluíam intervenções distintas, tais como:

- Desenvolvimento do conceito de “leitura”, para que ligue o tema do interior da casa aos espaços exteriores, para que o jardim seja uma extensão da casa;
- Criação de espaços que proporcionem intimidade;
- Proposta de soluções económicas, ao nível da manutenção;
- Proposta de Implementação de uma piscina;
- Solução para potencializar a cisterna localizada no pátio;
- Criação de uma solução organizada, simples e contemporânea, que valorize o património local.





O desenvolvimento deste projeto, não passou do processo criativo não sendo possível concluir o *estudo prévio*, devido à finalização do estágio. Contudo, obrigou a uma pesquisa bibliográfica sobre a história e a cultura do lugar, que se revelou bastante interessante e útil para a conceção de vários estudos da proposta.

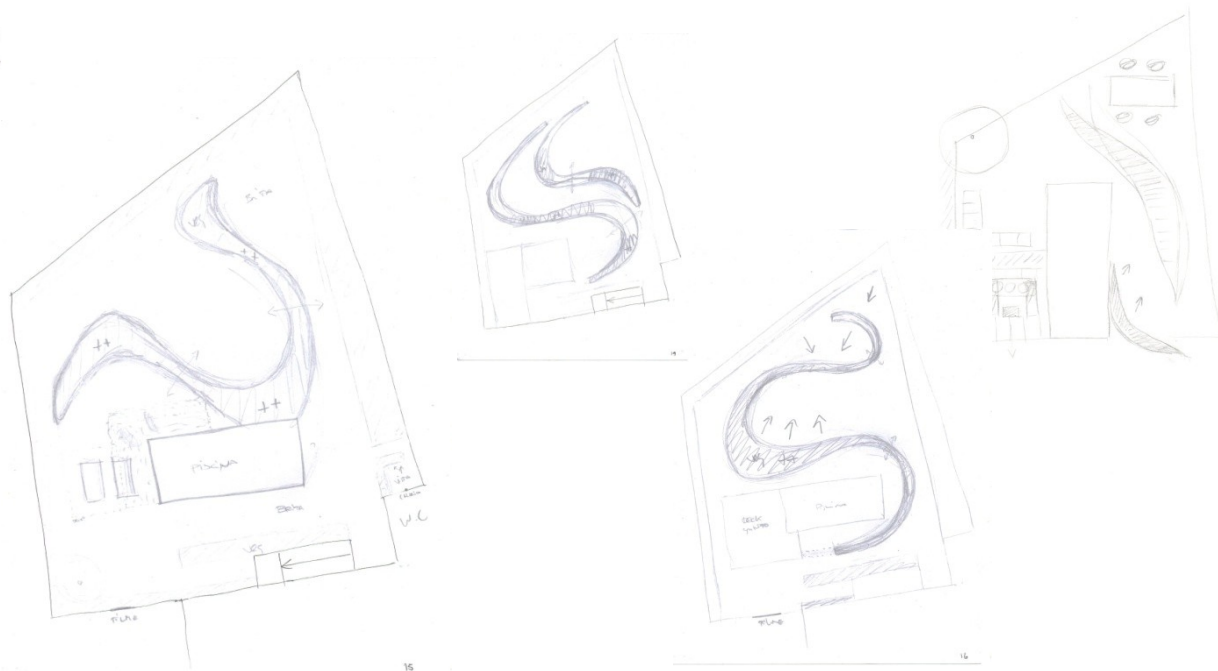


Fig.57 – Vários esboços de estudo sobre a área de intervenção



## OUTRAS ATIVIDADES

Para além do contacto com todos os projetos realizados pelo *Atelier* até ao início do estágio, as atividades desenvolvidas não se cingiram apenas às expostas até agora. Surgiu também a possibilidade de colaborar no desenho gráfico, para um anúncio publicitário do *Atelier Jardins do Sul*, na revista *Vida por cá* de Évora, bem como acompanhar o processo criativo do *estudo prévio* para o PÁTIO PROALEN. Um pátio interior de uma empresa, em plena cidade de Évora, com aproximadamente 7 m<sup>2</sup>, onde o objetivo principal era criar um espaço acolhedor, para usufruto durante os intervalos do trabalho e para apreciação a partir do interior, como se fosse uma pintura, principalmente ao nível da composição, cor, luz e até da evolução da vegetação ao longo do ano, comportando-se assim como uma extensão do escritório. Refletiu-se numa proposta bastante simples, com pouca vegetação e que ia ao encontro dos objetivos.

Como o *Atelier* não se limita apenas ao projeto, também foi possível colaborar muito pontualmente na manutenção, tanto dos espaços abertos da Quinta da Família Lavado, como do Monte do Prates em Montemor-o-Novo.

A manutenção de jardim é uma fase, na qual que se pode abraçar o projeto realizado, observando a sua adaptação, como os elementos interagem entre si e com o meio, diagnosticando e tratando das carências ou excessos que vão surgindo, tais como de nutrientes, água e luz. Ao transformar o espaço, tende-se a criar uma maior ligação com o mesmo, podendo esta vir a ser a chave fundamental para que o

tempo de vida de um jardim perdure; pois ao ser executado e mantido pelo proprietário, este conceder-lhe-á um maior valor e significado.

Assim, a manutenção incide normalmente na limpeza do espaço, manutenção do sistema de rega, na conservação das plantas e do seu estado fitossanitário, nas podas, nos cortes e na reposição de espécies vegetais e outros materiais, o que resulta num incremento significativo ao nível do conhecimento prático.

*“The move, and the experience he gained in his work with plants, paid off: his understanding of plants is generally acknowledged to be unrivaled among designers and has been a key, he said, to his ability to compose a garden where the plants work well together year round (or, as Mr. Oudolf put it, throughout the phases of birth, life and death). “When I hear the name,” he said, “I see the plant, and how it grows.” (McGrane, 2008)*

As atividades no Monte do Prates não se cingiram apenas ao contato muito breve com a manutenção. Foram realizadas definições e marcações de árvores e uma nova zona de intervenção. Também foi possível conhecer e observar as plantas utilizadas, bem como tirar partido de um registo fotográfico, para que, posteriormente, se consiga analisar a evolução do projeto e não só.

A vegetação presente neste projeto, passou maioritariamente pela escolha de espécies mediterrânicas em conjunto com algumas espécies exóticas. Aqui pôde-se

observar uma ligação entre espécies autóctones e exóticas perfeitamente equilibrada e cuja justaposição não afetou as características ecológicas do local, o que se revelou pela sua rápida adaptação e evolução.

Assim, dever-se-á aplicar o conhecimento e o contacto mais próximo com plantas autóctones e endémicas, para que juntamente com as exóticas (tão aclamadas no âmbito dos jardins privados ou tendencialmente favorecidas nestes espaços), se salientem e cumpram com o valor que lhes foi abdicado/declinado, resultando também numa maior sustentabilidade pela poupança energética e de recursos (água, adubos, entre outros). Se por natureza, se tenta adquirir sempre algo que não se tem ou que raramente se encontra ao alcance (como as plantas exóticas), rejeitando o vulgar e o conhecido, a ideia passa por tentar perceber, neste caso para jardins privados, qual a vegetação autóctone que o cliente já conhece, para que se possa projetar com espécies, supostamente “novas”, mas que no entanto sempre estiveram presentes no local em que o projeto se insere. Assim, a atitude de fascínio e orgulho que se tem pelas exóticas, mantem-se com espécies autóctones. Aqui, salienta-se a fitossociologia como uma ferramenta essencial a esse fim, permitindo conhecer as plantas e como estas se associam e distribuem, formando comunidades com elevada afinidade edafoclimática, consoante as paisagens locais e os territórios biogeográficos onde se inserem.

*"Existe certa rejeição por parte das pessoas na utilização de espécie do ecossistema onde o projecto vai ser feito. Muitas vezes, essa rejeição tem a ver com aspectos culturais muito enraizados, prevalecendo assim a utilização de vegetação exótica que, quando colocadas nestes ecossistemas, adquirem comportamentos infestantes*



*e parasitas", pontua. Segundo Bruno Sousa, em Portugal é encontrado dois tipos de intervenção: em espaços públicos e em espaços privados. Nos locais públicos, o projetista fica incumbido de escolher as espécies para os seus planos. "Neste caso depende do conhecimento e da sensibilidade do projectista, para se elaborar um projecto sustentável de baixa manutenção onde a forma 'coze' com a função harmoniosamente", sustenta. Quanto aos projetos privados, ele afirma que quase sempre existem diferenças entre o que o projetista idealiza, e a escolha do lugar e demais prioridades do proprietário. "Quase sempre a escolha de vegetação proposta pelo dono de obra recai por espécies que o mesmo viu em viagens. Então cabe ao projectista fazer um estudo rigoroso e criterioso, para que o projecto funcione correctamente, devendo expressar nos seus planos e projectos o conhecimento sobre a fitogeografia e fitossociologia da vegetação que utiliza.", relata Bruno Sousa." (Fonseca, 2013)*

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Refletindo agora sobre a experiência tida ao longo do período de estágio no *Atelier Jardins do Sul*, considera-se que todos os objetivos definidos no âmbito deste trabalho foram atingidos.

Não desvalorizando o contributo que uma Dissertação ou um Trabalho de Projeto possam ter, a experiência adquirida e necessária durante um estágio curricular enquanto complemento da formação académica, revelou-se essencial e prioritária como base introdutória ao meio profissional e à prática da Arquitetura Paisagista.

Também o facto de ter desenvolvido um estágio numa pequena empresa, permitiu o acompanhamento mais próximo e individualizado do estagiário, que se traduziu numa aprendizagem mais rápida e eficiente perante os diversos problemas que surgiram, bem como num maior sucesso por parte do estagiário no que respeita à apreensão das sugestões e contributos do Arquiteto Paisagista. Neste sentido, pelo número reduzido de colaboradores, e devido às alterações durante a obra, por vezes torna-se fundamental alternar projetos face à quantidade de trabalho e tempo necessários, em casos de *estudo prévio* e *projeto de execução*. Tudo isto resulta num maior esforço de trabalho, bem como numa obrigatória capacidade de adaptação a novos cenários, traduzindo-se num desenvolvimento de uma maior resiliência na prática da profissão.

O trabalho desenvolvido no *Atelier* permitiu ainda colaborar e acompanhar por completo a maioria das fases de projeto que cabe ao Arquiteto Paisagista, aplicando o conhecimento adquirido durante o percurso académico.

Foi possível presenciar a passagem da realização de um projeto em papel, maquete ou *software* 3D para a realidade, podendo, tocá-lo, experienciá-lo e perceber, em tempo real, se é o que foi idealizado.

Referência há ainda que ser feita à colaboração parcial na fase de manutenção, que é fundamental, não só para assegurar o projeto desenvolvido, como ainda permite adquirir conhecimentos técnicos acerca da sua evolução, obtidos através de um contacto mais próximo, onde se atinge uma melhor percepção sobre a sua evolução, composição e funcionamento dos elementos em conjunto.

Este estágio permitiu ainda perceber as limitações e os benefícios da Arquitetura Paisagista num contexto socioeconómico e cultural que se vive hoje em dia a nível nacional. Nota-se que a relação estabelecida entre o projetista e o cliente, apresenta um elevado índice de relatividade. É necessário que o Arquiteto Paisagista tenha em conta os pedidos do cliente sem descurar as particularidades do meio que se insere ou que, pelo menos, tente exemplificar da melhor maneira, os preceitos e conceitos apreendidos ao longo do curso, para que a prática e aplicação dos mesmos não se perca num contexto meramente mercantilista e economicista.

Também permitiu alargar os horizontes nas relações a estabelecer com os clientes e desenvolver uma capacidade de argumentação que permita levar adiante as ideias

projetadas, evitando cenários de dúvidas e alteração em *fase de obra* que se traduzem em perda de tempo e de qualidade de projeto.

Por fim, este estágio também consolidou a ideia de que a realidade prática da profissão se encontra muito além do conhecimento teórico-prático lecionado em ambiente académico, permitindo alcançar conhecimentos práticos e novas perspetivas, ao nível da prática da Arquitetura Paisagista em Portugal.

São os conhecimentos adquiridos na Universidade que definitivamente preparam o aluno para o seu futuro profissional, e aqui felicito a Universidade por todo o conhecimento fornecido e por incluir diferentes estágios curriculares durante o percurso académico, tendo em conta a multidisciplinaridade da Arquitetura Paisagista.

Em virtude do que foi mencionado, o contacto com as diversas atividades e dinâmicas do *Atelier*, representou uma experiência bastante satisfatória e enriquecedora, da qual estou muito grata pela oportunidade. Sem dúvida, que fui integrada numa equipa acolhedora, sempre disposta a ouvir as minhas opiniões e ideias, direcionando-as da melhor maneira.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APAP, Associação Portuguesa dos Arquitetos Paisagistas (2008). **Conteúdo obrigatório do projecto de execução**. Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações; Portaria nº 701-H/2008, de 29 de Julho. *Diário da República, 1ª série – N.º145– 29 de Julho de 2008*. Disponível em: <http://www.apap.pt/ficheiros/text/17072010153831000000.pdf>

Atelier Jardins do Sul. **Homepage**. Disponível em: <http://www.jardinsdosul.com>

Bingmaps. **Homepage**. Disponível em: <http://www.bing.com/maps/>

CartoDB. **Homepage**. Disponível em: <http://cartodb.com/>

Cerico, P. M. C. S. (2007). **Cunha Rivara, um bibliotecário romântico**. (Dissertação de Mestrado em Arquivos, Bibliotecas e Ciência da Informação não publicado). Universidade de Évora, Évora.

Fonseca, C. (2013). **Os factores edafoclimáticos no projecto de Arquitectura Paisagista – Entrevista**. Disponível em: <http://ecoprojectos.blogspot.pt/2013/08/os-factores-edafoclimaticos-no-projecto.html?q=ex%C3%B3tica>

IGEOE. (2007). Carta Militar de Portugal. Série M888, Escala 1:25 000. **VALVERDE (Évora) Folha 459**. Lisboa: Instituto Geográfico do Exército.

McGrane, S. (2008). ***A Landscape in Winter, Dying Heroically***. Disponível em: [http://www.nytimes.com/2008/01/31/garden/31piet.html?pagewanted=all&\\_r=0](http://www.nytimes.com/2008/01/31/garden/31piet.html?pagewanted=all&_r=0)

Lamberti, V. S. (2012). ***Projetos de Arquitetura Paisagista – Da Análise à Execução***. (Relatório de Estágio Final do Curso de Mestrado em Arquitetura Paisagista não publicado). Universidade de Évora, Évora.

Oudolf, P. (2007). ***Homepage***. Disponível em: <http://www.oudolf.com/>

Rivara, J. H. C. (1985). ***Memórias da Villa de Arrayolos II***, (p. 128). Arraiolos: Câmara Municipal de Arraiolos.